

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Roberta Berkmann

**“CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO”: caminhos laborais dos egressos do curso
de Bacharelado em Educação Física da UFRGS**

PORTO ALEGRE

2015

Roberta Berkmann

**“CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO”: caminhos laborais dos egressos do curso
de Bacharelado em Educação Física da UFRGS**

**Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharela em Educação Física da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.**

Orientadora: Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca

PORTO ALEGRE

2015

Roberta Berkmann

**“CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO”: caminhos laborais dos egressos do curso
de Bacharelado em Educação Física da UFRGS**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca – UFRGS

RESUMO

Este estudo propõe compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS. Nesta perspectiva, busca analisar as trajetórias laborais percorridas e os principais fatores determinantes ou que influenciam a inserção ou permanência no mercado, confrontar o sonho do graduando com a realidade do graduado. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas. Com base nas informações colhidas, percebeu-se trajetórias distintas, entre os entrevistados. A segurança, a falta de direcionamento e autoconfiança, a falta de identificação com a profissão, a rentabilidade e a valorização profissional são alguns dos aspectos identificados que influenciaram nas escolhas dos entrevistados, tanto para permanecer na profissão quanto para abandoná-la ou não segui-la. E no confronto sonho *versus* realidade, o sonho saiu perdendo frente à complexa realidade pós-formatura.

Palavras-chave: Egresso. Mercado de Trabalho. Atuação Profissional. Bacharelado.

ABSTRACT

This study aims to understand the labor paths followed by Bachelors course graduates in Physical Education of UFRGS. In this perspective, seeks to analyze the traveled labor trajectories and the main factors which influence or entering or remaining on the market, confront graduating from dream to reality graduate. It is a qualitative research, carried out through semi-structured interviewed. Based on our data, it was noticed different paths, among respondents. The safety, lack of direction and self-confidence, lack of identification with the profession, profitability and professional development are some of the identified aspects that influenced the choices of respondents for both remain in the profession and to abandon it or not followed over there. And in the dream showdown versus reality, the dream lost out front of the complex post- graduation reality.

Keywords: Egress. Job market. Professional performance. Bachelor degree.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL.....	8
1.1 MARCO REFERENCIAL.....	8
1.2 MARCO TEÓRICO.....	11
1.2.1 A Formação do Bacharel em Educação Física na ESEF/UFRGS.....	11
1.2.2 Possibilidades de Atuação do Bacharel em Educação Física.....	13
1.2.2.1 Ginástica Laboral.....	13
1.2.2.2 Academias de Ginástica e/ou Musculação.....	15
1.2.2.3 Treinamento Personalizado.....	16
1.2.2.4 Clubes.....	17
1.2.2.5 Escolinhas.....	18
1.2.2.6 Sistema Único de Saúde.....	19
2 METODOLOGIA.....	23
2.1 CUIDADOS ÉTICOS.....	24
2.2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	26
3 DISCUSSÃO.....	27
3.1 TRAJETÓRIAS LABORAIS.....	27
3.2 FATORES QUE INFLUENCIAM AS ESCOLHAS.....	29
3.3 O SONHO E A REALIDADE.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/TRANSITÓRIAS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS.....	43
ANEXO A - TERMO CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	43
ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	46
APÊNDICES.....	47
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	47
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	48

INTRODUÇÃO

Fui agraciada por uma bolsa integral do Programa Universidade para Todos (PROUNI), atual Sistema de Seleção Unificada (SiSU) em 2006. Minha primeira opção era Nutrição (já havia tentado vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por dois anos e não consegui aprovação), mas como minha média não alcançou a do último candidato, entrei para o curso de segunda opção. E esse curso era Educação Física – Licenciatura.

Era fevereiro de 2009 e eu recebia meu diploma de Licenciatura em Educação Física em uma simples e calorosa (tanto pela quantidade considerável de pessoas, quanto pelo calor escaldante em pleno verão) colação de grau na Casa do Gaúcho, em Porto Alegre. Licenciiei-me pelo Centro Universitário Metodista – IPA e durante todos os semestres ouvíamos sobre as agruras (falta de materiais e de espaço para as práticas corporais, remuneração incompatível com sua importância social, pouca valorização profissional) e o caminho árduo a prosseguir, enquanto docentes da área escolar. Refletindo sobre esse discurso, perguntava-me: quantos realmente seguirão a carreira de professor de Educação Física?

Assim sempre que encontrava meus antigos colegas, o velho questionamento vinha à tona: o que estás fazendo? Seguistes na área? Pois é, de fato, nem todos resistiram às agruras e ao caminho árduo proferidos pelos antigos docentes da graduação. Outros até mesmo optaram em nem tentar. A resposta da maioria se mostrou negativa. E, surpreendentemente, suas áreas de atuação são as mais variadas possíveis. Soube de ex-colegas licenciados trabalhando como bombeiro, árbitro de futebol, corretor de imóveis, publicitário, manicure, técnico em enfermagem, etc. Somente um número bem reduzido dos meus ex-colegas permaneceu na área, atuando na docência em Educação Física.

E eu também não segui na área escolar. Surgiu a oportunidade de trabalhar em outra área, não relacionada à licenciatura em Educação Física, a ginástica laboral. Mas para continuar trabalhando com ginástica laboral eu teria que completar minha formação, pois para atuar nessa área é exigido o curso de Bacharelado em Educação Física. Também ouvia que o mercado era mais amplo para o bacharel, naquele tempo era febre o *personal trainer*. Assim em 2011, passei no vestibular para o curso de Bacharelado em Educação Física, agora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Convivi com as mais variadas pessoas, com seus mais variados intuitos e propósitos. Ao longo dos semestres, começaram a aparecer os convites de formatura dos meus colegas bacharelados. Canudo embaixo do braço, lá vão os bacharéis em Educação Física atrás de suas oportunidades no acirrado mercado de trabalho. E não é que ressurge a famosa pergunta: O que será que meus ex-colegas do curso de Bacharelado estão fazendo pós-formatura? Em que áreas estarão atuando? Será que muitos traçaram outros caminhos tais quais meus ex-colegas licenciados? Será que os egressos seguiram os seus sonhos? Ou optaram pelas oportunidades que surgiram, mesmo que não fosse a sua área desejada?

A partir dessa problematização, esta pesquisa propõe compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS e como objetivos específicos analisar as trajetórias laborais percorridas pelos egressos do curso de bacharelado em Educação Física e os principais fatores determinantes ou que influenciam a inserção ou permanência no mercado, confrontar o sonho do graduando com a realidade do graduado.

O estudo está dividido em três capítulos. O primeiro trata do marco teórico-conceitual no qual o meu estudo está apoiado. O segundo aborda a metodologia desenvolvida, os cuidados éticos necessários, a descrição da pesquisa. O terceiro apresenta as categorias de análise originadas dos dados colhidos nas entrevistas em consonância com os objetivos propostos e discutidas à luz do referencial teórico.

1 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

Conforme Tobar e Yalour (2001), o meu estudo está dividido em duas seções denominadas Marco Referencial e Marco Teórico. Na seção do Marco Referencial, realizei uma revisão de trabalhos já produzidos acerca da temática do presente estudo, encontrados em bases de dados de revistas científicas da área de conhecimento da Educação Física e da *Scientific Eletronic Library Online – Brasil* (SciELO Brasil). Para a elaboração do Marco Teórico, utilizei os trabalhos descobertos na revisão anteriormente mencionada, além da bibliografia que aborda o referido tema.

1.1 MARCO REFERENCIAL

Com o intuito de analisar a produção científica existente sobre a temática desse estudo, optei por realizar uma busca em bases de dados de revistas científicas da área da Educação Física com boa cotação no Qualis¹ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Para acessar as bases de dados, utilizei os termos: “egresso”, “mercado de trabalho”, “atuação profissional” e “bacharelado”. Tais termos foram utilizados nas seguintes bases de dados de revistas científicas da referida área de conhecimento da Educação Física: revista Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), revista Motriz, revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE). Além das revistas, também acessei a SciELO Brasil. Dentre os artigos encontrados destaquei aqueles que têm relevância para o meu estudo e listei na tabela abaixo:

¹ Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

Tabela 1: Bases de Dados Eletrônicos

Bases de Dados	Endereço Eletrônico	Data de Acesso	Artigos Relevantes
Revista Movimento	http://seer.ufrgs.br/Movimento/	09/09/2015	(FONSENCA; SORIANO; NAKAMURA, 2007), (TAFFAREL, 1997), (SORIANO; WINTERSTEIN, 2006), (FRAGA <i>et al</i> , 2010)
Revista Motriz	http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz	09/09/2015	(PRONI, 2010), (VERENGUER, 2004), (NUNES; VOTRE; SANTOS, 2012), (BARROS, 1996)
RBEFE	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&lng=pt&pid=1807-5509	09/09/2015	(FURTADO; SANTIAGO, 2015)
SciELO Brasil	http://www.scielo.org/php/index.php?lang=pt	09/09/2015	(DIAS; SOARES, 2012), (TEIXEIRA; GOMES, 2005), (COELHO FILHO; VOTRE, 2010)

Conforme a busca de dados supracitada, percebe-se um baixo número de artigos relacionados à temática desenvolvida nesse estudo: o egresso do bacharelado em Educação Física e o seu mercado de trabalho. Na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e na revista Pensar a Prática não foi encontrada nenhuma publicação diretamente ligada ao tema da pesquisa. Dentre os artigos relevantes encontrados, destaco quatro artigos a seguir.

O artigo de Proni (2010), intitulado “Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho”, busca delimitar a importância da universidade na progressiva construção social e política da profissão Educação Física; apresentar um mapeamento dos ramos de atividade econômica onde se concentram as oportunidades de emprego e das diferenças regionais no que se refere aos níveis salariais médios dos profissionais da Educação Física, e colocar em discussão a tensão que se estabelece entre a formação profissional oferecida nas universidades brasileiras e as demandas predominantes no mercado de trabalho.

“O profissional em Educação Física no Brasil: desafios e perspectivas no mundo do trabalho” de Nunes, Votre e Santos (2012), articula os desafios na formação do profissional bacharel em Educação Física, nos documentos oficiais e a sua intervenção no mundo do trabalho. Os autores buscaram ampliar as percepções e avaliar a proposta de formação nos saberes e conhecimentos para esse campo de atuação; e também levantaram desafios e perspectivas para formar o bacharel em Educação Física no Brasil. Com base nos resultados, os autores elaboraram uma

matriz dos saberes estabelecidos nos documentos oficiais e também um conjunto de propostas para a formação do profissional de Educação Física, recontextualizada e articulada com os interesses das comunidades a que esse profissional se propõe servir.

Dias e Soares (2012) com “A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários” objetivaram analisar a escolha profissional em sua relação com o direcionamento da carreira de universitários, utilizando a base teórica de Vygotsky e uma metodologia qualitativa com entrevistas semiestruturadas submetidas à análise do discurso. Com base na análise das entrevistas, observaram a emergência das categorias que seguem: escolhendo sem saber, o diploma considerado mais importante do que o trabalho e o medo do mercado. As carreiras para os entrevistados se traduzem em ambiguidades, satisfação e insatisfações com o curso escolhido. Assim que iniciam sua vida profissional, a busca desses jovens é por um emprego bem remunerado e estável, não importando a atividade a ser desenvolvida. Também são citados sentimentos frequentes de insegurança, indecisões e mesmo indiferença frente às trajetórias profissionais futuras, escolhendo profissões e carreiras, tendo como pano de fundo um contexto extremamente competitivo e excludente do mercado de trabalho. Sendo assim, os autores consideraram a orientação na universidade um aspecto de extrema importância a fim de auxiliar no processo de transição para o mercado de trabalho.

Já Teixeira e Gomes (2005) com o artigo “Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário”, avaliaram a contribuição de clareza de autoconceito, auto eficácia profissional, comportamento exploratório, participação em atividades acadêmicas de formação, situação do mercado de trabalho e percepção pessoal de oportunidades profissionais na predição da decisão de carreira, entre estudantes em fim de curso universitário. Houve a participação de 252 estudantes, idades entre 20 e 30 anos, os quais responderam um instrumento de auto relato desenvolvido para a pesquisa. Através de uma análise de regressão mostrou que as variáveis percepção de oportunidades, auto eficácia profissional e clareza de autoconceito foram as que mais contribuíram para a predição da decisão de carreira. Os autores interpretaram que a formação universitária contemple com mais ênfase o aspecto da prática profissional, como forma de promover o desenvolvimento do autoconceito e da auto eficácia. Segundo eles, é sugerido que a universidade ofereça atividades relacionadas ao desenvolvimento de metas

profissionais para que os estudantes lidem de modo efetivo com a transição para o mercado de trabalho.

Destaco que o resultado encontrado na referida busca não abrange a totalidade do que foi produzido acerca da temática do presente estudo, somente o que está disponibilizado nas bases de dados anteriormente citadas.

1.2 MARCO TEÓRICO

1.2.1 A Formação do Bacharel em Educação Física na ESEF/UFRGS

No ano de 1987, por força da Resolução CFE n. 3/87², a formação inicial em Educação Física foi dividida em dois cursos diferentes: Licenciatura e Bacharelado. A Licenciatura é voltada para a atuação na Educação Escolar (pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus), atual Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) e o Bacharelado para a atuação Não-Escolar (academias, clubes, centros comunitários/condomínios etc). Porém a ESEF, Escola de Educação Física, da UFRGS, resistiu à divisão da formação, ampliou a carga horária do curso de Educação Física e manteve a então denominada Licenciatura “ampliada” (FRAGA *et al*, 2010).

Já no ano de 2004, por força da Resolução n. 7/2004³, a ESEF/UFRGS realiza uma reforma curricular, divide a formação em Educação Física e cria o curso de Bacharelado. Para Molina Neto, Fraga e Molina (2012, p. 02), essa reforma foi “realizada de modo apressado, a fim de atender um pacote de resoluções e diretrizes curriculares expedidas pelo Ministério da Educação”. O conteúdo da página eletrônica da PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação⁴ da UFRGS explica essa reforma e o objetivo do Bacharelado:

² Disponível em: <<http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm>>. Acesso em: 25 de novembro de 2014.

³ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2014.

⁴ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/prograd/guiaprofissoes/curso_e1.htm>. Acesso em: 31 de outubro de 2014.

Em 2004, seguindo a Resolução nº 7/2004, que estabelece as diferenças entre Graduação e Licenciatura em Educação Física e institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, a COMGRAD/EFI propõe a criação do Curso de Bacharelado em Educação Física. O Bacharelado em Educação Física entrou em vigor no primeiro semestre de 2005 e tem por objetivo a formação de profissionais qualificados para o exercício da área de Educação Física, entendida como um campo de estudo multidisciplinar e de intervenção profissional através das diferentes manifestações e expressões do movimento humano, visando a formação, desenvolvimento e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável (UFRGS, 2014).

Todavia, a reforma de 2004 desencadeou diversas críticas na área da Educação Física. Proni (2010) aponta que a divisão entre as duas “identidades profissionais” no interior da Educação Física reforçou a segmentação deste mercado de trabalho altamente competitivo e marcado por situações desiguais. Na ESEF/UFRGS, a divisão da formação e o currículo que passou a vigorar em 2005 geraram muitas críticas e debates:

Insatisfeita pela formação inicial fracionada em duas habilitações, a comunidade da ESEF/UFRGS, tanto por iniciativa dos estudantes, quanto por dever de ofício do professorado, logo começou a estudar e examinar alternativas para superar as fragilidades da proposta de formação do currículo existente e construir uma organização curricular que propiciasse uma formação mais consistente para os egressos de seus bancos escolares (MOLINA NETO; FRAGA; MOLINA, 2012, p. 04).

No ano de 2010 foi aprovado um novo processo de reconstrução do currículo, predizendo um curso único de Educação Física com a dupla modalidade de formação (Licenciatura/Bacharelado) (FRAGA *et al*, 2010). De acordo com Molina Neto, Fraga e Molina (2012), esse novo currículo passou a ser implantado a partir de 2012:

Neste ano de 2012, a Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) coloca em ação um projeto de reforma curricular que consumiu, no seio da instituição, três anos de discussões e críticas sobre a formação inicial em Educação Física, a partir do currículo em execução, hoje em extinção (MOLINA NETO; FRAGA; MOLINA, 2012, p. 02).

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física – habilitação Bacharelado (UFRGS, 2012), o qual traz informações sobre o perfil e a estrutura do curso, conteúdos curriculares, perfil de formação, entre outros, o perfil pretendido do egresso é:

O Bacharel em Educação Física da UFRGS é o profissional que atua preferencialmente nos campos do esporte, do lazer e da saúde. Promove a aprendizagem e a prática dos elementos da cultura corporal do movimento por meio de intervenção pedagógica pautada pelos princípios da ética democrática e desenvolvida de forma criativa e crítica, considerando e reconhecendo o contexto sociocultural dos locais onde atua. Realiza pesquisas em diferentes sub-áreas da Educação Física, coordena e supervisiona equipes de trabalho em ações e programas que tematizem as práticas corporais sistematizadas (UFRGS, 2012, p. 15).

Com relação às áreas de atuação do bacharel em Educação Física, o Projeto Pedagógico faz referência ao ensino, à aprendizagem e à prática de elementos da cultura corporal do movimento, como lutas, ginásticas, danças, esportes, jogos, a serem desenvolvidos em unidades de saúde, clubes, centros comunitários, academias, instituições de ordem pública e/ou privada (UFRGS, 2012).

É importante explicitar que esse projeto trata especificamente dos alunos egressos do curso de Bacharelado em extinção na ESEF/UFRGS, aqueles que ingressaram depois da reforma curricular de 2004, que dividiu o curso de Educação Física em duas formações diferentes, e depois de 2011, ou seja, antes da reformulação que instituiu a dupla modalidade de formação.

1.2.2. Possibilidades de Atuação do Bacharel em Educação Física

O mercado de trabalho do profissional de Educação Física é bastante diversificado. Seguem abaixo alguns locais e possibilidades de atuação desse profissional.

1.2.2.1. Ginástica Laboral

A Ginástica Laboral é uma possibilidade de atuação do bacharel em Educação Física com a qual tenho familiaridade, pois trabalho nessa área há três

anos e meio. Buscando uma definição para Ginástica Laboral, Pressi e Candotti (2005, p. 25) afirmam que “Ginástica Laboral é uma atividade física educativa, realizada durante o expediente de trabalho, que visa ao desenvolvimento físico, mental, afetivo e social do ser humano”. A Ginástica Laboral procura criar um espaço, em que os funcionários, espontaneamente, realizem diversas atividades e exercícios físicos, os quais vão além da mecanização, repetição e automação do condicionamento (MENDES; LEITE, 2004).

A Ginástica Laboral possui como objetivo, na sua generalidade, a promoção da saúde e a prevenção às doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (DORTs) (PRESSI; CANDOTTI, 2005). Consonante ao ponto de vista empresarial, os objetivos são reduzir os acidentes de trabalho, os afastamentos e a rotatividade dos trabalhadores; melhorar a produtividade e a qualidade total, além de buscar a prevenção e reabilitação das doenças de ordem ocupacional como tendinites e distúrbios osteomusculares relacionados com o trabalho (MENDES; LEITE, 2004).

Para Rocha (2012), o profissional que pretende atuar nessa área deve observar com rígido critério o perfil de cada grupo participante da Ginástica Laboral, adequando suas aulas às expectativas, às necessidades e aos anseios dos colaboradores, contribuindo assim para o perfil motivacional daqueles que a praticam. As aulas normalmente ocorrem no próprio ambiente de trabalho, por isso deve-se dar atenção a esse ponto com relação à elaboração das atividades, afim de não prejudicar o andamento da empresa.

Segundo o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) (2008), o programa de Ginástica Laboral deverá ser planejado, orientado e conduzido por um profissional de Educação Física, em contraponto à ideia de Fisioterapia Laboral que implica na possibilidade de intervenção mediante laudo individual que comprove a lesão ou patologia de cada trabalhador para que se realize o tratamento fisioterápico individualmente, não correspondendo às aulas em grande grupo⁵.

⁵ Já o COFFITO – Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, na Resolução nº 385 de 08 de junho de 2011, resolve que compete ao Fisioterapeuta, para o exercício da Ginástica Laboral, atuar na promoção, prevenção e recuperação da saúde, por meio de elaboração do diagnóstico, da prescrição e indução do tratamento, a partir de recursos cinesiológicos e cinesioterapêuticos laborais, levando em conta as condições ergonômicas do posto de trabalho, a eleição e aplicação dos exercícios individuais ou em grupo e que o escopo da utilização desse método é a promoção da saúde e a prevenção de desvios físico-funcionais e ocupacionais próprios, além de pretender a melhoria do desempenho laboral e o tratamento das disfunções físico-funcionais. Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/site/index.php/home/resolucoes-coffito/464-resolucao-n-385-2011-dispoe-sobre-o-uso-da-ginastica-laboral-pelo-fisioterapeuta-e-da-outras-providencias.html>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014.

1.2.2.2. Academias de Ginástica e/ou Musculação

Outra possibilidade de atuação do bacharel em Educação Física são as academias de ginástica e/ou de musculação, com sua extensa variedade de aulas, como musculação, *jump*, *step*, musculação, ritmos, lutas, danças, etc. Atualmente, segundo Furtado (2007, p. 311) “a academia funciona em uma dinâmica caracterizada pela flexibilidade, pela diversificação de sua produção, pelo “foco no cliente” e, conseqüentemente, pela mudança do perfil do professor que nela trabalha”. Em outro viés, as academias de ginástica e musculação podem ser consideradas também como um ponto de encontro, a fim de estimular a convivência, proporcionar paqueras e efetivar negócios, como a venda de suplementos e complementos alimentares, bijuterias, entre outros (CESARO, 2012). Ratifica Pasquali, Niterói e Mascarenhas (2011, p. 10) “muitas oferecem outros serviços como lanchonetes, lojas de vestuário, *lan house*, brinquedoteca, enfim, buscam garantir a convergência de serviços”.

Tendo em vista a grande oferta de aulas, uma dificuldade a ser vivenciada nesse âmbito pelo profissional de Educação Física é que apesar desse orientar a seus alunos as atividades apropriadas ao nível de condicionamento físico e ao objetivo deles, de acordo com a avaliação física previamente realizada, o aluno fica livre no espaço da academia para realizar qualquer atividade (FURTADO, 2007). Fator esse que pode gerar algum tipo de lesão no próprio aluno ou também uma involução no seu treinamento, além de demonstrar desvalorização da atividade profissional e do conhecimento do profissional.

Outro aspecto interessante, mostrado na pesquisa de Pasquali, Niterói e Mascarenhas (2011), intitulada “A indústria do fitness e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia” é que nas 107 academias levantadas no estudo, 71 possuíam até dois professores de Educação Física no quadro de empregados, enquanto apenas uma academia possuía mais de 10 professores contratados, o que “sugere uma sobrecarga de trabalho para tais professores, o que quase sempre resulta na contratação de mão-de-obra barata e precarizada” (PASQUALI; NITERÓI; MASCARENHAS, 2011, p. 06).

1.2.2.3. Treinamento Personalizado

Tendo também como local de atuação as academias de ginástica e/ou musculação, outra possibilidade de mercado para o profissional de Educação Física é como *personal trainer*, aquele que trabalha com treinamento personalizado ou *personal training*. Segundo Sanches (2006, p. 51), o *personal trainer* é o “profissional formado/graduado em educação física que ministra aulas personalizadas, formulando e executando programas de treinamento específicos para cada aluno”.

Para Domingues Filho (2006), a atividade do *personal trainer* está baseada em:

Um programa particular, especial, que respeita a individualidade biológica, preparada e acompanhada por profissional de Educação Física, realizada em horários preestabelecidos para, com segurança, proporcionar um condicionamento adequado, com finalidade estética, de reabilitação, de treinamento ou de manutenção da saúde. (DOMINGUES FILHO, 2006, p. 19).

Segundo Deliberador (1998, p. 9), o treinamento personalizado é destinado “à individualidade de um ser uno, com objetivos únicos”. Já, para Novaes e Vianna (1998), esse treinamento pode ser entendido como:

[...] um processo de aplicação e execução de testes e tarefas realizados de maneira sistemática e individualizada, sendo a sua utilização baseada em parâmetros morfológicos, biológicos e psicológicos, bem como no grau de condicionamento físico inicial e no objetivo do aluno ou atleta (NOVAES; VIANNA, 1998, p. 5).

O público atendido pelo *personal trainer* é bastante variado, podendo ser composto por crianças, adolescentes, adultos e idosos (BOSSLE, 2009). Segundo Bossle (2009), o treinador personalizado não possui lugar fixo para realização de seu trabalho, “pois o que determina a atividade a ser realizada não é o lugar onde acontecem as aulas, mas as necessidades individuais de treinamento que cada aluno apresenta” (BOSSLE, 2009, p. 40). Desta forma, o *personal trainer* vai ao encontro de seu aluno, quer seja em seu ambiente de trabalho, academia de ginástica e/ou musculação, clubes, parques, sua residência, pistas de corrida, condomínios e até ao ar livre (NOVAES; VIANNA, 1998).

1.2.2.4 Clubes

Os clubes, centros esportivos e centros comunitários são locais que também propiciam a atuação do profissional em Educação Física, pois desenvolvem diversas atividades esportivas e de lazer. De acordo com Capi e Marcellino (2009):

Nos documentos oficiais (estatutos) os clubes são concebidos como associações ou sociedades civis sem fins lucrativos que são regidos pelas leis do País, além de possuírem uma constituição jurídica própria, representada pelo seu estatuto, cuja função é apresentar aos associados suas normas e regulamentos internos (CAPI; MARCELLINO, 2009, p. 466).

Para Soriano e Winterstein (2006), a intervenção do profissional de Educação Física ocorrerá vinculada a espaços socioculturais, devendo-se cuidar medidas universais, padronizações que terminam por serem parâmetros excludentes. Fator importante, uma vez que os âmbitos de trabalho, como no caso dos clubes, estão cada vez mais heterogêneos, conforme Capi e Marcellino (2009):

Especificamente nos clubes, os professores de educação física e os profissionais de áreas afins - como o turismo, a pedagogia e a dança - possuem uma classificação diversificada: professor de esportes (natação, tênis, judô, futsal, vôlei, basquete, handebol), atividades físicas (musculação, ginástica, yoga), dança (axé, forró, samba), entre outras funções (monitor, recreacionista, “tio”, no caso das colônias de férias e acantonamentos) (CAPI; MARCELLINO, 2009, p. 468).

Capi e Marcellino (2009, p. 473) apontam que “o profissional de educação física que atua no campo do lazer pode desempenhar uma diversidade de funções. A administração, a organização, a coordenação, o planejamento e a execução de vivências são algumas das possibilidades”. A maior parte do conhecimento que o profissional apreende é modificada dia a dia, muitos aprendizados são acrescentados aos já internalizados e tais conhecimentos são resultado do tipo de preparação, relações profissionais e pessoais, até mesmo influências no meio de trabalho no qual está inserido. (FONSENCA; SORIANO; NAKAMURA, 2007).

Além dos conhecimentos específicos da área, outras atribuições são conferidas ao bacharel em Educação Física em estruturas como os clubes, “é que o trabalho profissional em Educação Física como pertencente à organização social do

trabalho compartilha de suas variáveis, tais como divisão do trabalho, características da clientela, sistemas de suporte, sistemas de recompensa etc” (SORIANO; WINTERSTEIN, 2006, p. 187).

Com base nessa realidade, contribuem Capi e Marcellino (2009):

O profissional de educação física que atua nos clubes é um dos principais elos entre as pessoas que frequentam esse espaço e os diretores responsáveis por sua administração. Dessa forma, três elementos se tornam essenciais para uma atuação profissional comprometida e digna: seriedade, competência e compromisso político. Esses aspectos têm a função de possibilitar maior credibilidade ao profissional, tornando-o mais respeitado (CAPI; MARCELLINO, 2009, p. 473).

1.2.2.5 Escolinhas

Muitos bacharéis em Educação Física encontram nas escolinhas esportivas uma possibilidade de atuação profissional. Rezer e Shigunov (2004) definem o conceito de escolinha:

Ao se refletir sobre a forma como o esporte é desenvolvido e percebido hegemonicamente, percebe-se um forte elo de ligação entre o esporte veiculado pelos meios de comunicação (concepção hegemônica e massificada) e a prática pedagógica, principalmente em espaços contextuais destinados ao ensino do esporte, em momentos fora do período escolar. Estes espaços são usualmente chamados de escolinhas (REZER, SHIGUNOV, 2004, p. 43)

As escolinhas trabalham uma série de esportes, como: voleibol, basquetebol, futebol, tênis, entre outros e o público atendido nessas escolinhas é o mais variado possível, composto principalmente por crianças e jovens. No que tange a figura do profissional de Educação Física que atua em escolinhas, ele deve apresentar características generalistas, com base nos saberes específicos do trabalho diário, no conhecimento do seu meio de atuação e no saber de sua própria experiência, dando-lhe competências relacionadas a não só um saber fazer, mas também a um saber ser (VIDAL, 2006). Outro fator consoante esses aspectos é a comunicação; a utilização de elogios verbais e até não-verbais colaboram na performance dos atletas e beneficiam o *feedback* positivo, podendo ser entendidos como o

reconhecimento de sua importância para o time e também servem de estímulo para sua própria realização pessoal (GÖETZE; BECKER JR, 2002).

Para Vidal (2006), o trabalho com esporte desenvolvido nas escolinhas deve ser:

uma atividade física que oferece ao indivíduo inúmeras possibilidades motoras e vivências no processo de aprendizagem de um grande número de jogos e modalidades esportivas, buscando desenvolver as capacidades e habilidades humanas nas dimensões motoras, cultural, social, cognitiva e afetiva. De modo que objetiva encaminhar seus participantes para uma prática esportiva saudável (VIDAL, 2006, p. 153).

Já para Rezer e Shigunov (2004), o esporte desenvolvido em escolinhas faz uso de uma “estratégia de aula amparada por uma concepção instrumental de rendimento técnico-tático específico, com grande preocupação em melhorar as capacidades específicas dos alunos” (2004, p. 45). A atividade do profissional de Educação Física já é bastante consolidada no âmbito das escolinhas, todavia Vidal (2006) orienta que:

a iniciação esportiva atrelada a Educação Física ou ao Esporte envolve um corpo de conhecimento relacionado ao desenvolvimento motor, a uma cultura corporal de movimento, a uma prática pedagógica ou a(s) ciência(s) do desporto vinculado a um desenvolvimento humano profissional (VIDAL, 2006, p. 155).

O trabalho nas escolinhas apresenta também dificuldades. Uma questão delicada que norteia as ações do profissional que atua nas escolinhas é a montagem dos times. Existe, muitas vezes, uma exigência por parte dos pais para que seus filhos participem de campeonatos, o que faz com que alguns técnicos modifiquem a escalação de suas equipes a fim de realizar o desejo dos progenitores (GÖETZE; BECKER JR, 2002).

1.2.2.6 Sistema Único de Saúde

A Resolução CNS Nº 287, de 08 de outubro de 1998⁶, relacionou 14 categorias profissionais de saúde de nível superior para fins de atuação do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde: Assistente Social, Biólogo, Biomédico, Profissional de Educação Física, Enfermeiro, Farmacêutico, Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Médico, Médico Veterinário, Nutricionista, Odontólogo, Psicólogo e Terapeuta Ocupacional. Apesar de estar relacionada entre essas categorias desde 1998⁷, ainda é recente a inserção dos profissionais de Educação Física no Sistema Único de Saúde (SUS)⁸:

Em que pese ainda a tímida inserção de estudantes e profissionais da educação física no SUS, se comparada às profissões ‘irmãs’ da área da saúde, já se observa interesse de parte dos pesquisadores e grupos de estudo e pesquisa, isoladamente, em participar dos debates no campo da saúde coletiva com o intuito de qualificar a inserção nesses espaços, a formação fundamentada na saúde coletiva e a intervenção orientada pelos princípios do SUS (FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2012, p. 381).

Para Vaz (2014), nos últimos anos vem ocorrendo um aumento de políticas públicas dirigidas à promoção da saúde da população e voltadas à atenção básica, que potencializaram a inserção do profissional de Educação Física no SUS. Uma delas é a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) (BRASIL, 2006a)⁹, que possui sete eixos temáticos de atuação, dentre eles “o eixo ‘Prática Corporal/Atividade Física’, que apresenta um estímulo à inserção de ações voltadas ao cuidado com o corpo e a saúde” (VAZ, 2014, p. 10). Também foram surgindo

⁶ Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1998/res0287_08_10_1998.html>. Acesso em: 25 nov. 2014.

⁷ Essa resolução substituiu a Resolução CSN n. 218/1997 (BRASIL, 1997).

⁸ A Constituição Federal de 1988 definiu, em seu artigo 196, que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Para atingir este objetivo, foi criado o Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com as diretrizes de descentralização, atendimento integral e participação popular, respeitando os princípios de universalidade, integralidade e igualdade firmados na própria Constituição. O SUS representa uma conquista da sociedade brasileira porque promove a justiça social, com atendimento a todos os indivíduos. Além disso, é o maior sistema público de saúde do mundo, atendendo a cerca de 190 milhões de pessoas, sendo que 80% delas dependem exclusivamente do sistema para tratar da saúde (BRASIL, [20--]).

⁹ Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2014.

outras políticas, tais como: a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC) (BRASIL, 2006b)¹⁰, o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) (BRASIL, 2009)¹¹, o Programa Academia da Saúde (BRASIL, 2011)¹² e a Portaria n. 1.029¹³ (BRASIL, 2014) (VAZ, 2014).

Das ações que promovem a inserção do profissional de Educação Física no SUS, destaco a Estratégia Saúde da Família (ESF), o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e os Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS).

A Estratégia de Saúde da Família (ESF), criada pelo Ministério da Saúde no ano de 1994, prioriza as ações de promoção e proteção à saúde dos indivíduos e da família, de maneira integral e contínua (TAVARES; BRASIL; PINTO, 2012). Dentre a relação de profissionais que configuram a equipe da ESF, o profissional de Educação Física aparece responsável pela área estratégica da Atividade Física / Práticas Corporais, atuando na prescrição de atividades físicas e exercícios físicos, com foco no benefício da saúde do indivíduo, seja no aspecto psicológico, social e/ou biológico, em especial para qualidade de vida e saúde (TAVARES; BRASIL; PINTO, 2012).

Criado para fortalecer a Estratégia de Saúde da Família (ESF), o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) tem sua equipe composta também por profissionais de variadas especialidades em saúde, atuando por meio da troca de saberes (SANTOS; BENEDETTI, 2012). Assim o profissional de Educação Física aparece entre as categorias profissionais que compõe o NASF, sua relevância está associada à saúde e aos benefícios advindos da prática regular de atividade física, os quais são reconhecidos e divulgados entre as estratégias de promoção da saúde do SUS (SANTOS; BENEDETTI, 2012).

¹⁰ Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2014.

¹¹ Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abacad27.pdf. Acesso em: 27 nov. 2014.

¹² Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/academia_saude_cartilha.pdf. Acesso em: 27 nov. 2014.

¹³ Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1029_20_05_2014.html. Acesso em: 27 nov. 2014.

De acordo com o portal eletrônico do Ministério da Saúde¹⁴ os CAPs são instituições que se destinam ao acolhimento dos pacientes com transtornos mentais, ao estímulo da sua integração social e familiar, ao apoio em suas iniciativas de busca da autonomia, ao oferecimento de atendimento médico e psicológico. Essa nova concepção de atendimento aos usuários dos serviços da saúde mental convida-os a participarem no processo de tratamento através de atividades, as quais buscam a reinserção na sociedade, o trânsito livre pela cidade e o contato com diferentes vivências e novas possibilidades (ABIB *et al.*, 2010). Segundo Wachs (2009, p.94), “a presença de professores de educação física em serviços de saúde especializados na atenção em saúde mental ainda é parca, mas eles existem”.

Fraga, Carvalho e Gomes (2012) consideram que:

A inserção formal dos profissionais da educação física em ações programáticas, como a Estratégia Saúde da Família (ESF), o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) ou ainda os Caps, indica, tanto para o campo da saúde quanto para a área da Educação Física, a potencialidade deste profissional na articulação de práticas de cuidado de caráter multiprofissional, inspiradas no princípio da integralidade da atenção (FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2012, p. 379).

Após o marco teórico utilizado como embasamento deste estudo, apresento a metodologia que será empregada nesta pesquisa.

¹⁴ Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/acoes-e-programas/conte-com-a-gente/leia-mais-conte-com-a-agente>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

2 METODOLOGIA

O presente projeto propõe uma pesquisa qualitativa, a qual busca compreender particularmente aquilo que se estuda; desconsiderando generalizações a cerca da população, de princípios e de leis. O enfoque de maneira central é no peculiar, no específico, a fim de buscar mais compreender do que explicar os fenômenos a serem estudados (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 1993)

Sendo assim, Minayo e Sanches (1993) afirmam que:

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Os pesquisadores da abordagem qualitativa “ocupam-se com os processos, ou seja, querem saber como os fenômenos ocorrem naturalmente e como são as relações estabelecidas entre esses fenômenos” (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004, p. 48). Nesse sentido, para este trabalho, optei pela realização de entrevistas semiestruturadas. De acordo com os autores, existem três tipos de entrevista basicamente: a entrevista estruturada ou fechada, a semiestruturada e a entrevista livre ou aberta.

As entrevistas semiestruturadas, segundo Boni e Quaresma (2005), combinam:

perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Sobre a importância da entrevista semiestruturada, Nogueira-Martins e Bógus (2004) revelam que ela facilita o acesso a informações difíceis de obter através da observação direta, como pensamentos, intenções, sentimentos e a vantagem desse

tipo de entrevista é que ela capta imediatamente a informação desejada, com qualquer entrevistado e a respeito dos mais diversos temas. Assim para Duarte (2004), as entrevistas:

se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p.215).

A entrevista semiestruturada possui também um caráter vantajoso com relação à sua elasticidade no que tange sua duração, consentindo um apanhado profundo acerca de determinados temas. Sem contar que a interação entre aquele que entrevistar e o que é entrevistado possibilita que as respostas sejam mais espontâneas (BONI; QUARESMA, 2005).

Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 245), “o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos”. Além do propósito central da entrevista que é a fala, Nogueira-Martins e Bógus (2004) alertam que:

o entrevistador deve ter o cuidado de observar os aspectos não-verbais. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 1993, p. 50).

2.1 CUIDADOS ÉTICOS

Com relação aos cuidados éticos durante a pesquisa, Padilha *et al.*(2005) alertam que:

Na entrevista ou aplicação de formulário/questionário a qualidade da informação fornecida é fundamental e não pode ser negligenciada, sob pena de, como no caso da pesquisa encoberta, retirar do respondente o direito de opção. Informações parciais, evasivas ou

tendenciosas também estão ligadas a atitudes de manipulação dos sujeitos ou, no mínimo, de desrespeito aos seus direitos. O procedimento indicado inclui: - enviar à instituição o projeto ou plano de pesquisa detalhado com uma carta de solicitação para uso da mesma na coleta de dados de pesquisa; - fazer uma breve exposição sobre o tema e o objetivo do estudo na apresentação do instrumento; - esclarecer o informante sobre o tema e objetivo do estudo, solicitando sua concordância para o preenchimento do instrumento (PADILHA *et al.*, 2005, p. 101).

Outro fator relevante é descrito por Boni e Quaresma (2005, p. 76), “por parte do entrevistado há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes”. Assim o entrevistador possui um papel fundamental frente ao entrevistado, conforme relata Nogueira-Martins e Bógus (1993):

Há alguns cuidados requeridos para a realização de qualquer tipo de entrevista. O respeito pelo entrevistado envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia do sigilo e anonimato em relação ao colaborador. Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado, de forma que ele se sinta à vontade para se expressar livremente (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 1993, p. 50).

De acordo com Padilha *et al.* (2005), independente da técnica de coleta de dados ou do instrumento a ser utilizado, deve haver respeito à autonomia dos pesquisados, o que é princípio ético fundamental, o qual se enraíza no princípio da dignidade humana. Corroborando tal aspecto, Goldim *et al* (2003) indicam a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual tem por objetivo:

Permitir que a pessoa que está sendo convidada a participar de um projeto de pesquisa compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, visando permitir uma decisão autônoma. A obtenção de consentimento livre e esclarecido é um dever moral do pesquisador, é a manifestação do respeito às pessoas envolvidas no projeto. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido documenta a autorização do sujeito da pesquisa e permite que as informações básicas possam ser mantidas para leitura posterior (GOLDIM *et al*, 2003, p. 372).

A concordância dos entrevistados em participar da pesquisa ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), sendo que esses não terão suas identidades reveladas.

2.2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram selecionados através de listagem dos egressos do curso de bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que ingressaram no seguinte período: depois de 2004 e antes da alteração curricular implantada a partir de 2012. A primeira diplomação do Bacharelado ocorreu em 2008/2, segundo funcionário da COMGRAD. Assim foram encaminhadas, por correio eletrônico, onze listagens referentes a 2008/2 - 2009/2 - 2010/1 - 2010/2 - 2011/1 - 2012/1 - 2012/2 - 2013/1 - 2013/2 - 2014/1 - 2014/2 - 2015/1, contabilizando um número total de 226 diplomados no curso de Bacharelado, nesses referidos semestres.

Essas listagens foram solicitadas na Comissão de Graduação de Educação Física (COMGRAD/EFI), mediante Carta de Apresentação (ANEXO B), a partir disto selecionei os nomes de onze ex-colegas, com os quais tive maior proximidade tendo em vista as cadeiras cursadas em conjunto durante a graduação. O contato com os entrevistados foi realizado através de um site de relacionamento (Facebook) e correio eletrônico. Nesse contato, informei detalhes sobre a pesquisa e seu objetivo, e os convidei a participar do estudo. Obtive retorno positivo de sete interessados, mas consegui realizar apenas cinco entrevistas, uma vez que uma entrevistada não compareceu ao dia marcado e a outra eu precisei desmarcar por motivos pessoais. Tais encontros foram marcados em local e horário definidos pelos participantes.

As entrevistas foram registradas no gravador de voz do meu próprio celular e após transcritas, foram enviadas para os colaboradores para garantir a fidedignidade das informações colhidas.

3 DISCUSSÃO

3.1 TRAJETÓRIAS LABORAIS

“Canudo embaixo do braço”, os bacharéis em Educação Física vão escrever suas trajetórias laborais no “Mundo do Trabalho, ou seja, o movimento das forças produtivas no seio do modo de produção capitalista”, conforme Taffarel (1997, p. 44). Nesse mundo, as possibilidades de inserção do bacharel em Educação Física, segundo Nunes, Votre e Santos (2012) são:

no campo de trabalho não escolar, em espaços como clubes, academias, áreas de lazer, iniciação esportiva e atividades físicas fora da grade curricular escolar, empreendimentos físico-esportivos, bem como em secretarias de esporte e lazer das redes municipal e estadual, em projetos sociais, associações esportivas e recreativas, centros de reabilitação física e de educação para pessoas com deficiência, em órgãos públicos e de iniciativa privada nos setores de administração, organização esportiva, recreativa e de lazer, em esportes marítimos e atividades físico-esportivos de praia, em prestação de serviço em condomínios, empresas e hospitais, em consultorias, projetos e eventos de esportes de aventura e ligados à natureza (NUNES, VOTRE, SANTOS, 2012, p. 282).

As trajetórias laborais descritas pelos cinco entrevistados são bastante variadas. O entrevistado 1 iniciou no mercado de trabalho através de uma oportunidade em uma academia como cuidador de crianças, cuja realidade apresenta sustentação no discurso de Furtado e Santiago (2015, p. 325) “o campo de atuação profissional não é simplesmente resultado de uma escolha, mas também, de condições e oportunidades encontradas pelo egresso no mercado de trabalho”, tal qual o entrevistado relata:

Então teve uma amiga minha que avisou que tava tendo um processo seletivo na Cia. Atlético pra assistente de child care que seria uma pessoa pra cuidar as crianças, enquanto os pais estavam malhando. E foi ali que [risos], eu fui atrás da vaga (Entrevistado 1)

Assim, logo em seguida, largou o emprego, pois entrou no mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além dessa oportunidade acadêmica, passou a realizar alongamentos em eventos de corridas da própria academia em que trabalhou e treinar um grupo de pessoas que queriam aprender a jogar voleibol,

conforme Barros (1996, p. 49) “atividades como “bicos” ou simples trabalhos de subsistência dos quais se pode tirar o sustento”.

A entrevistada 2 foi contatada logo após sua colação de grau: “Quando eu me formei, eu era estagiária de uma escola [de natação] e três dias depois da formatura, eu fui contratada por uma outra escola” (Entrevistada 2). Conforme suas palavras, ela ministrava aulas de natação para todas as idades e hidroginástica, mas abandonou a carreira, meses depois. Pois não se considerou apta para a profissão, segundo ela “não me adaptei como professora assim, de estar na postura de professora” (Entrevistada 2), situação sustentada por Verenguer (2004, p. 131) “É na relação com a sociedade que a intervenção profissional se efetiva e se estrutura de forma própria”. Agora, ela se dedica ao estudo para concursos públicos.

A entrevistada 3 não chegou a experimentar o mercado de trabalho na área do Bacharelado, pois diz estar “reclusa nesse momento até achar uma área que eu goste”, fato esse que pode ser explicado por Teixeira e Gomes (2005, p. 327) “alguns se sentem confiantes em suas capacidades, estabelecem planos profissionais e iniciam um percurso na tentativa de realizá-los. Outros, contudo, chegam ao final de seus estudos sem saber muito bem o que fazer”.

Suas únicas experiências foram nos estágios durante a graduação, conforme seus apontamentos “acabei estagiando no hospital, na área de esportes náuticos, bem variado assim” (Entrevistada 3), ações diferentes de mercados já consolidados para o bacharel em Educação Física, conforme Nunes, Votre e Santos (2012, p. 282) “vislumbramos também possibilidades de campos de atuações em áreas emergentes: esportes marítimos e atividades físicas – esportivas de praia, prestação de serviço em condomínios, empresas e hospitais, consultorias, projetos e eventos, equipes multiprofissionais”. Fora do campo da Educação Física, atua esporadicamente como massoterapeuta, pois já havia formação na área, antes da graduação.

Antes mesmo da conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física, a entrevistada 4 já havia sido aprovada em um concurso público em nível médio para área administrativa. Antes e durante a graduação, dava aulas de yoga e organizava atividades de aventura na natureza, mas abdicou desse caminho para se destinar ao serviço público, segundo ela “Ou eu tenho que me dedicar para uma coisa ou outra e a coisa fica meio complexa” (Entrevistada 4). Conforme Furtado e Santiago, aqueles que não mais atuam em suas áreas são “levados principalmente pelas

maiores remunerações e condições de trabalho de uma maneira geral” (2015, p. 334).

Já o entrevistado 5 nunca atuou na área da Educação Física, nem mesmo em estágios durante a graduação, manifestando: *“sempre me senti atraído por, ahm, esporte, atividade física e sempre gostei de estudar, então uni o útil ao agradável. Achei que era uma coisa que eu queria fazer desde sempre, então decidi fazer [risos]”* (Entrevistado 5). Por já ser formado, preferiu seguir nesse campo conforme relata *“eu já tinha uma outra formação que eu já vinha vivendo ela profissionalmente há muito tempo. Acho que não conseguiria conciliar a Odonto com a Educação Física”*. A fala do entrevistado 5 pode ser explicada por Dias e Soares (2012, p. 276) *“Nem sempre o jovem decide pelo que quer mais, ou deseja, mas, muitas vezes, as escolhas se dão por cursos que são valorizados socialmente”*.

3.2 FATORES QUE INFLUENCIAM AS ESCOLHAS

O jovem segue tecendo suas escolhas, mesmo sem saber que estas repercutem ao longo de sua vida acadêmica e sustentam trajetórias profissionais e carreiras futuras, portanto, a escolha inicial tem um valor social como dimensão da carreira (DIAS, SOARES, 2012, p. 277)

Assim dentre os fatores que influenciam as escolhas dos entrevistados, o termo segurança aparece em duas entrevistas, mas relacionado a aspectos diferentes:

Assim, eu me vejo muito mais como um professor da escola, um licenciado. Foi muito mais pela segurança. (Entrevistado 1)

Então foi isso, bem friamente, lá fora eu ganharia mais do que aqui dentro, mas aqui dentro eu tenho uma segurança que fora daqui não me trouxe. (Entrevistada 4)

Com relação ao primeiro entrevistado, a segurança se dá ao optar pelo Bacharelado por ter um mercado mais amplo comparado ao curso de Licenciatura, uma vez que segundo Nunes, Votre e Santos (2012, p. 282) *“há espaço para o bacharel em todas as circunstâncias, em que se configuram atividades físico-esportivas fora da escola”*. Já, para a entrevistada 4, a escolha se deu pelo fato de o

emprego público lhe proporcionar estabilidade – segurança e benefícios inerentes ao cargo Federal.

A pluralidade do mercado do bacharel em Educação Física apontada como fator positivo pelo entrevistado 1, gera dúvidas com relação às variadas possibilidades de atuação referenciadas pela entrevistada 3 *“Eu acho que ainda tô tentando achar algo que eu realmente goste, né. [...] Né, então eu tô mais estudando, lendo assim, tentando ver qual área eu vou me encaixar”*, pois como diria Nunes, Votre e Santos (2012, p. 282) *“A listagem [de áreas de atuação] é exaustiva”*.

Inerente à falta de direcionamento na carreira também se revela, no discurso da entrevistada 3, ausência de autoconfiança *“Entrevistada 3: É mais um processo interno assim que eu tô na fase de, né... Roberta: Sim... De se autoafirmar e se sentir capaz... Entrevistada 3: Uhum, isso.”*, conforme Teixeira e Gomes (2005, p. 328) *“as crenças de auto-eficácia relativas à profissão devem ser um fator associado à decisão de carreira, pois a elaboração de um projeto de carreira exige que o indivíduo perceba-se capaz de desempenhar-se bem nas atividades profissionais”*.

Outra questão interessante, agora trazida pela entrevistada 2, foi a falta de identificação com a profissão ocasionando o abandono da carreira, conforme próprio relato:

Porque eu não me acho apta, talvez por ter feito o bacharelado, não me acho apta no convívio com o aluno e lidar com o aluno. Ahm, de certa forma, parece que me falta paciência para todas as necessidades que os alunos têm e procuram além da modalidade em si, que essa sim eu não me vejo tendo problemas em passar meu conhecimento...

O discurso da entrevistada 2 suscita uma discussão pertinente com relação aos conhecimentos do bacharel em Educação Física, para Soriano e Winterstein (2006)

a organização da noção de competência em torno dos componentes ‘saber’; ‘saber fazer’; ‘saber ser’ não dá conta de identificar e denotar a amplitude e complexidade que estão por trás, mesmo, de tarefas consideradas simples ou rotineiras (SORIANO, WINTERSTEIN, 2006, p. 182)

Corroborando com tal questão, Nunes, Votre e Santos (2012, p. 283) apontam que *“O bacharel está sendo formado para intervir no saber-fazer”* e ainda fazem

referência aos “olhares não pedagógicos” dos profissionais bacharéis”, os quais também ensinam, mas com um jeito diferente de intervenção. (NUNES, VOTRE, SANTOS, 2012). Por sua vez Verenguer (2004, p. 128) alerta que “é preciso entender que a intervenção profissional não é apenas um espaço de aplicação de saberes acadêmicos, mas também um espaço de produção, transformação e mobilização desses saberes”.

Já na conversa com o entrevistado 5, a rentabilidade aparece como fator influente na escolha de sua trajetória laboral, uma vez que optou seguir atuando na área da sua primeira formação (odontologia) e não na Educação Física *“Não sei se financeiramente valeria a pena, talvez valesse a pena mais assim no sentido do pessoal, talvez como realização”*. Segundo ele, *“Então acaba sendo que muitas vezes as pessoas têm que trabalhar muito... [...] Pra ter uma remuneração baixa, pra ter um lugar onde trabalhar”*, aspecto esse corroborado por Verenguer (2004):

Se essa realidade existe é porque os envolvidos se beneficiam e tiram proveito dela. Os empregadores podem definir unilateralmente o valor do serviço (há abundância de mão-de-obra), uma parcela considerável da sociedade ainda não aprendeu a reconhecer um serviço de qualidade e quanto mais barato, melhor”. (VERENGUER, 2004, p. 123)

Inerente à rentabilidade, apontada pelo entrevistado 5, está a falta de valorização do profissional de Educação Física *“na verdade, eu acho que é uma profissão super importante que as pessoas, é, dependem dela e poderiam melhorar muito a sua condição de vida, assim entre outras usando os profissionais da Educação Física”*, pensamento esse que vai ao encontro do discurso de Taffarel (1997, p. 46) *“As práticas corporais e esportivas sistematizadas voltadas para a formação, saúde, lazer, comunicação, também são indicadores de qualidade de vida”*.

Associada à falta de valorização profissional, o entrevistado 5 faz relação com o número elevado de egressos lançados no mercado pelas Instituições de Ensino Superior:

Que eu sempre pensei na Educação Física que talvez tivesse que ter um olhar mais voltado assim para a formação talvez, quem, quem libera a formação de profissionais, a quantidade de profissionais que tem na área, isso acaba fazendo com que o mercado da Educação Física seja muito saturado. (Entrevistado 5)

Consoante esse aspecto, Proni (2010) destaca o papel da universidade brasileira na elaboração da identidade do profissional de Educação Física. Barros (1997) também contribui fazendo referência à importância dos cursos de graduação na transmissão de conhecimentos, técnicas e habilidades aos vindouros profissionais dessa área. Vindo ao encontro dos autores anteriormente citados, Nunes, Votre e Santos (2012) contribuem sobre esse mesmo aspecto:

Faz-se necessário um aprofundamento dos temas relacionados aos projetos de curso e seus currículos de formação, prescrito e regulamentado, bem como das suas metodologias e práticas pedagógicas, sua organização de códigos e discursos de apropriação e resistência, suas práticas de controles internos e externos, seus métodos de avaliação e seus conteúdos disciplinares e a sua construção do conhecimento e de saberes (NUNES, VOTRE, SANTOS, 2012, p. 287)

3.3 O SONHO E A REALIDADE

Conforme Dias e Soares (2012, p. 280), o discurso daqueles que saem em direção ao mercado de trabalho combina “uma preocupação entre o que se *sonha fazer* e a *possibilidade de fazer*, para que se possa *vir a ser*”.

O entrevistado 1 tem paixão pelo universo escolar, carinho esse aflorado durante o curso de Licenciatura em Educação Física, porém escolheu cursar também o curso de Bacharelado por segurança, por ofertar uma gama maior de possibilidades dentro do mercado de trabalho. No decorrer do curso, queria “*trabalhar com voleibol, ser treinador. Isso era um sonho quando entrei na graduação, mas, ao longo, eu fui vendo que a escola era um lugar que me tocava bastante. [...] Mas não descarto o vôlei, é um lugar que eu gosto bastante. Já trabalhei em clube com recreação e é uma coisa que me dá muito prazer também*”, porque sempre gostou muito de jogar.

Fator esse argumentado por Dias e Soares (2012, p. 279) “Para realizar a escolha, o formando deve possuir conhecimento acerca de si mesmo, de suas aptidões, gostos, interesses, habilidades, valores, competências e sentimentos em relação ao trabalho”. Hoje em dia, realiza alongamentos em eventos de corridas e treina um grupo de indivíduos que buscam aprender a jogar voleibol.

A entrevistada 2 era atleta de natação desde os dez anos de idade, tinha afeição pelo esporte individual e pela área da saúde, por isso escolheu o curso de Educação Física. Ao longo da graduação, pretendia atuar na *“parte das aquáticas, dos esportes aquáticos. Ahm, também a parte de esporte e lazer. Eram as áreas que me interessavam”*. Ela chegou a trabalhar na área desejada, mas meses depois desistiu da carreira, conforme seu relato *“como se eu não tivesse a paciência pra lidar com as outras pessoas, ligada à profissão. Ainda mantendo o profissionalismo”*, tal capacidade não aflorada em alguns profissionais. Nunes, Votre e Santos (2012) explicam:

Ser competente, diante de uma situação problema, traduz-se por mobilizar recursos e comportamentos disponíveis, que deverão ser articulados aos pontos críticos identificados na situação, para que seja possível tomar decisões e fazer encaminhamentos pertinentes, adequados ao enfrentamento da situação. (NUNES, VOTRE, SANTOS, 2012, p. 284)

Uma vez que não tem interesse em seguir na área, nem complementar sua formação, a entrevistada 4 se dedica ao estudo para concursos públicos.

A entrevistada 3 sonhava cursar Fisioterapia, mas não era ofertado pela UFRGS na época que pretendia prestar vestibular. Assim tentou Nutrição, porém não foi aprovada. Logo, escolheu cursar Educação Física por se aproximar da escolha inicial, tal desencontro é trazido por Dias e Soares (2012, p. 280) *“As escolhas direcionam a carreira, e se, no começo vivenciaram a insegurança e o desconhecimento sobre o curso, no final da graduação, revivem tais sentimentos quanto à profissão escolhida”*.

Durante a graduação, vislumbrava atuar, segundo palavras dela *“nessa área da saúde, eu nunca me identifiquei tanto com a parte de esportes, treinamento, área escolar”*. Atualmente, realiza serviços no ramo da massoterapia, por ter curso na área, e estuda para ser servidora pública. Contudo revela planos para o futuro *“Futuramente, a ideia é conciliar essas duas áreas assim [Massoterapia e Educação Física], ainda mais a área da Psicologia”*, intenções essas apresentadas por Teixeira e Gomes (2005, p. 327) *“A decisão de carreira não se limita à escolha de um campo específico de atuação dentro da profissão, mas implica também na preparação e na determinação do indivíduo para implementar projetos”*.

A entrevistada 4 já trabalhava em áreas afins da Educação Física, na busca por maiores conhecimentos, optou pelo Bacharelado. Assim no decurso da graduação pretendia seguir com a *“yoga, com certeza e trabalhar com atividades ao ar livre, né. Ahm, atividades físicas de aventura na natureza, que então até meu tcc foi sobre isso, mas levar os dois juntos, né, yoga e essa prática, organizando eventos e atividades...”*

Porém antes mesmo do término do curso, ela havia sido aprovada em um concurso público em nível médio na área administrativa. O ritmo intenso de aulas explica essa escolha:

Hoje, eu tenho 44, terminei a faculdade com 43. Então não é uma coisa assim, quando tu vai chegando em algumas idades, tu começa a pensar várias coisas infelizmente. A gente tem que pensar – pô, será que eu vou conseguir continuar dando aula nesse ritmo e eu preciso disso pra sobreviver?- então foram esses aspectos que me trouxeram para a atividade administrativa, porque eu não sei até quando meu corpo ia aguentar toda a intensidade da atividade mesmo, das aulas, dar tantas aulas no dia, isso desgasta. (Entrevistada 4)

Realidade essa confirmada por Proni (2010, p. 790) que o profissional para incrementar seus rendimentos “pode ser obrigado a acumular mais de um emprego (ou exercer uma segunda atividade de forma autônoma)”. Outra justificativa para seguir esse caminho está na estabilidade e benfeitorias ofertadas pelo serviço público:

E na minha realidade que eu vivia, enquanto tava na Educação Física, não tinha nada disso. Férias, tu parou dez dias, tu deixou de ganhar esses dez dias, tu não recebe um terço a mais por estar de férias. Tu não tem décimo terceiro no final do ano, bem pelo contrário, chega dezembro metade dos teus alunos vão embora e metade da tua renda vai junto com eles. Então foi isso, bem friamente, lá fora eu ganharia mais do que aqui dentro, mas aqui dentro eu tenho uma segurança que fora daqui não me trouxe. (Entrevistada 4)

Já o entrevistado 5 buscou o bacharelado em Educação Física por gostar de esportes, de atividades físicas e de estudar. Durante os estudos, nunca havia imaginado atuar em nenhuma área específica, mas revela afeição por treinamento de força e treinamento aeróbio. Por ser formado em Odontologia, trabalha como Dentista e conforme sua fala *“no momento atual ainda vale mais ficar na Odonto que*

na Educação Física pelo que eu vejo meus amigos conversando...”, o qual se refere à baixa remuneração do profissional de Educação Física comparado ao da Odontologia. Ainda acrescenta que:

Tudo que o profissional estudou pra chegar lá, pra tomar conta de vários alunos ao mesmo tempo, todo o conhecimento que é necessário, todo o bem que ele tá levando pras pessoas, isso não tem preço. Teria que ser algo muito mais valorizado, a remuneração teria que ser muito maior, né. [...] E infelizmente acaba caindo na mão de administradores, querem ganhar dinheiro e não conseguem repassar um custo alto para os alunos que vêm participar de uma academia. (Entrevistado 5)

Consoante esse aspecto, faz referência Taffarel (1997, p. 45) “às determinações do mercado de trabalho de uma economia especulativa altamente exploradora e destruidora, que procura manter altas taxas de lucro, super-explorando a mais-valia”, ideia essa ratificada por Proni (2010, p. 796) “de que se trata de um mercado de trabalho bastante desigual e altamente competitivo, muito mais favorável aos empregadores do que aos empregados”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS/TRANSITÓRIAS

Este estudo se originou a partir da realidade de meus ex-colegas do curso de Licenciatura do IPA, dos quais poucos relataram em conversas informais terem seguido a carreira docente. Vindo para a UFRGS, cursar o Bacharelado, acreditava encontrar um cenário diferente. Assim esta pesquisa objetivou compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS e como objetivos específicos analisar suas trajetórias laborais, os principais fatores determinantes ou que influenciam a inserção ou permanência no mercado e confrontar o sonho do graduando com a realidade do graduado.

As trajetórias laborais dos egressos se mostraram bastante variadas, nem todas especificamente na área de atuação do bacharel em Educação Física. Dos cinco entrevistados, apenas um seguiu no campo profissional do Bacharelado, exercendo suas atividades profissionais como treinador de voleibol e realizando alongamentos em eventos de corrida. Com relação aos demais, a entrevistada 2 não se encontrou enquanto professora e estuda para concursos públicos; a entrevistada 3 atua esporadicamente como massoterapeuta e almeja também uma vaga no serviço público; a entrevistada 4 se tornou servidora pública durante a graduação, permanecendo nessa atividade e o entrevistado 5 seguiu atuando na área da Odontologia, cuja graduação já possuía.

Os fatores que determinaram tais escolhas, de permanecer ou trilhar diferentes caminhos, foram a segurança, a autoconfiança, a falta de identificação com a profissão, a rentabilidade, a valorização profissional. E no quesito sonho *versus* realidade, o sonho saiu perdendo frente à complexa realidade pós-formatura. Apenas um entrevistado se aproximou ao que imaginava ser durante a graduação e o que se tornou depois de graduado.

Segundo Furtado e Santiago (2015, p. 331) “O trabalho se apresenta para o sujeito como um sofrimento necessário, que o faz mover-se ou acomodar-se”, alguns dos entrevistados resolveram mover-se frente às dificuldades apresentadas pelo mercado de trabalho da Educação Física em busca de seus anseios, procurando outras alternativas laborais e há também aqueles que permanecem nesse universo por acreditarem que novas perspectivas na profissão surgirão e que seus sonhos um dia se realizarão. Talvez essa possa ser uma leitura do cenário aqui discutido, abrindo possibilidades para outros olhares que ajudem a compreender que entre o

projeto pretendido e sua concretização, que entre o sonho e a realidade, não há um único caminho nem uma linearidade na trajetória a ser percorrida.

Sendo assim, com base nos relatos dos entrevistados, podemos perceber uma aproximação entre esses dois universos da Educação Física, a Licenciatura e o Bacharelado. Os clamores relacionados à falta de valorização, à rentabilidade, à dificuldade em estar na função de professor não se encontram apenas na realidade do docente da área escolar, mas também no dia-a-dia do profissional em Educação Física. Porquanto separaram-se os currículos, mas não as dificuldades e desafios ainda presentes no campo da Educação Física.

REFERÊNCIAS

ABIB, L. T.; FRAGA, A. B.; WACHS, F.; ALVES, C. T. P. Práticas corporais em cena na saúde mental: potencialidades de uma oficina de futebol em um centro de atenção psicossocial de Porto Alegre. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010.

BARROS, J. M. C. Educação Física: perspectivas e tendências na profissão. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 49-52, jun. 1996.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, janeiro-julho/2005.

BOSSLE, C. B. "**Personal trainer & cia**": noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado. 2009. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº 03 de 16 de junho de 1987**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm>>. Acesso em: 25 de nov. de 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7 de 31 de março de 2004**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm>>. Acesso em: 25 de nov. de 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **O que é o SUS**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/sus.html>. Acesso em: 29 out. 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 287 de 08 de outubro de 1998**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1998/res0287_08_10_1998.html>. Acesso em: 25 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Academia da Saúde**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/academia_saude_cartilha.pdf> Acesso em: 27 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família**. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad27.pdf> Acesso em: 27 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Legislação Federal – Exercício Profissional**. Disponível em: <sna.saude.gov.br/legisla/legisla/exerc_p/RES_CNS218_97exerc_p.doc> Acesso em: 25 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.** Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde.** Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf> Acesso em: 27 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.029 de 20 de maio de 2014.** Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1029_20_05_2014.html>. Acesso em: 27 nov. 2014.

BRASIL. Sistema Integrado CAPES. **WEBQUALIS.** Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

CABI, A. H. C.; MARCELLINO, N. C. Clubes social-recreativos: lazer, associativismo e atuação profissional. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 465-475, 3. trim. 2009

CESARO, H. L. **Os “Alquimistas” da Vila:** masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

COELHO FILHO, C. A. A.; VOTRE, S. J. Imagens da prática profissional em academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 95-110, maio 2010.

COFFITO. Resolução nº 385 de 08 de junho de 2011. Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/site/index.php/home/resolucoes-coffito/464-resolucao-n-385-2011-dispoe-sobre-o-uso-da-ginastica-laboral-pelo-fisioterapeuta-e-da-outras-providencias.html>>. Acesso em: 26 de novembro de 2014.

CONFED. **Considerações sobre Ginástica Laboral e Fisioterapia Laboral.** [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em <<http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=166>>. Acesso em: 29 out. 2014.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012.

DOMINGUES FILHO, L. A. **Manual do Personal Trainer Brasileiro.** São Paulo: Ícone, 2006.

FONSENCA, R. G.; SORIANO, J. B.; S. C. NAKAMURA. O conhecimento do profissional de Educação Física e sua relação com o ambiente de trabalho durante a intervenção profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, setembro/dezembro de 2007.

FRAGA, A. B. *et al.* Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em Educação Física da ESEF/UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, Edição Especial ESEF 70 anos, 2010.

FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. Políticas de formação em educação física e saúde coletiva. **Trab. educ. saúde [online]**. 2012, vol.10, n.3, pp. 367-386. ISSN 1981-7746.

FURTADO, R. P. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2: p. 307-322, jul./dez. 2007.

FURTADO, R. P.; SANTIAGO, L. P. Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 325-36, abril/junho de 2015.

GÖETZE, M. M.; BECKER JR., B. A comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos esportivos – a perspectiva a partir dos sujeitos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 47-62, setembro/dezembro 2002.

GOLDIM, J. R.; PITHAN, C. F.; OLIVEIRA, J. G.; RAYMUNDO, M. M. O Processo de Consentimento Livre e Esclarecido em Pesquisa: uma nova abordagem. **Revista Assoc. Med. Bras.**, v. 49, n. 4, p. 372-374, 2003.

MENDES, R.; LEITE, N. **Ginástica Laboral**: Princípios e aplicações práticas. Barueri: Manole, 2004. 208 p.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set, 1993.

MOLINA NETO, V; FRAGA, A. B.; MOLINA, R. K. Formação de professores de Educação Física: um projeto que revê a relação entre licenciatura e bacharelado. *In*: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Junqueira&Marin Editores Livro 2 - p. 320-331.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 3, p.44-57, set-dez 2004.

NOVAES, J. S.; VIANNA, J. M. **Personal training e condicionamento físico em academia**. Rio de Janeiro: Shape, 1998.

NUNES, M. P.; VOTRE, S. J.; SANTOS, W. O profissional em educação física no Brasil: Desafios e perspectivas no mundo do trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 2, p. 280-290, abr./jun. 2012.

PADILHA, M. I. C. S.; RAMOS, F. R. S.; BORENSTEIN, M. S.; MARTINS, C. R. A responsabilidade do pesquisador ou sobre o que dizemos acerca da ética em pesquisa. **Texto Contexto Enferm**, v. 14, n. 1, p. 96-105, Jan/Mar 2005.

PASQUALI, D.; NITERÓI, R.; MASCARENHAS, F. A indústria do fitness e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2011

PRESSI, A. M. S.; CANDOTTI, C. T. **Ginástica Laboral**. São Leopoldo: Unisinos, 2005. 130 p.

PRONI, M. W. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p.788-798, jul./set. 2010.

REZER, R.; SHIGUNOV, V. Reflexões acerca da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal a partir da leitura e compreensão de contextos específicos. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 43-51, 2004.

ROCHA, A. A. **Motivação à prática de regular de ginástica laboral**. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANCHES, E. W. **Responsabilidade civil das academias de ginástica e do personal trainer**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2006.

SANTOS, S. F. S.; BENEDETTI, T. R. B. Cenário de implantação do Núcleo de Apoio a Saúde da Família e a inserção do profissional de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 17, n. 3, p. 188-194, jun. 2012.

SORIANO, J. B.; WINTERSTEIN, P. J. Limites e desafios para o estudo da intervenção profissional em educação física a partir da noção de competência. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 1, p. 175-195, janeiro/abril de 2006.

TAFFAREL, C. N. Z. Currículo, formação profissional na educação física & esporte e campos de trabalho em expansão: antagonismos e contradições da prática social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 43-51, 1997.

TAVARES, A. N.; BRASIL, G. B.; PINTO, R. F. **A importância do professor de Educação Física na Estratégia Saúde da Família (ESF)**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd165/professor-de-educacao-fisica-na-saude-da-familia.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

TEIXEIRA, M. A. P; GOMES, W. B. Decisão de Carreira entre estudantes em fim de curso universitário. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 327-334, Set-Dez 2005.

TOBAR F.; YALOUR, M. R. **Como fazer teses em saúde pública**: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.

UFRGS. PROGRAD – **Guia das profissões**. [S.l.: s.n.], [20--]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/prograd/guiaprofissoes/curso_e1.htm>. Acesso em: 31 out. 2014.

VAZ, F. F. **Análise da distribuição dos profissionais de Educação Física nos serviços de saúde do Estado do Rio Grande do Sul**. 2014. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VERENGUER, R. C. G. Intervenção profissional em Educação Física: *expertise*, credencialismo e autonomia. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 2, p.123-134, mai./ago. 2004.

VIDAL, I. R. **“A iniciação esportiva” - a quem compete?** Um estudo sobre a formação profissional no campo da educação física. 2006. 263 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

WACHS, F.; FRAGA, A. B. Educação física em centros de atenção psicossocial. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 93-107, set. 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Termo Consentimento Livre Esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida, fique à vontade para entrar em contato com o pesquisador pelo fone (51) 9115-2532.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: “CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO”: CAMINHOS LABORAIS DOS EGRESSOS DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS.

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca

Pesquisadora associada: Roberta Berkmann CPF: 82789410097 RG: 3084441173

O Projeto de Pesquisa tem como objetivo compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS. Sua participação acontecerá durante a fase de produção de dados. Seu nome não será colocado no trabalho, apenas suas ideias, garantindo assim sigilo sobre sua participação. Você poderá retirar seu consentimento, caso ache conveniente, a qualquer momento e suas informações não mais serão utilizadas no trabalho de pesquisa. Também não haverá pagamento por participação na pesquisa.

Outras informações importantes em relação à pesquisa:

- a duração da entrevista será de cerca de uma hora;
- você receberá suporte do pesquisador durante e após a realização da entrevista;
- a entrevista será realizada em local indicado por você, a fim de evitar que você se desloque desnecessariamente;
- a entrevista será gravada, transcrita e a transcrição será enviada para você, que poderá aprovar, reprovar na íntegra ou em parte, além de editar trechos que você julgar conveniente;

- esta transcrição será arquivada pelos pesquisadores por tempo indeterminado e poderá vir a ser utilizada em outros estudos;
- Os riscos de participar de uma entrevista deste tipo não são maiores do que aquelas encontradas em situações similares, tais como desconforto ou constrangimento com alguma pergunta específica. Caso você se sinta de alguma forma incomodado com as perguntas do roteiro - sentir-se ofendido social, moral, psicológica ou espiritualmente, em qualquer etapa da entrevista ou sentir algum desconforto com a pergunta do pesquisador ou julgar que uma resposta/comentário fornecida por você mesmo não tenha sido apropriada, não hesite em interromper e solicitar exclusão do que não estiver de acordo.
- em nenhum momento você será identificado, tampouco serão descritas nos materiais resultantes da pesquisa situações que possibilitem sua identificação. Para tanto, utilizaremos pseudônimos e outros elementos que resguardem a sua identidade;
- caso necessário, solicitaremos uma nova entrevista para eventuais esclarecimentos das informações prestadas.

Denise Grosso da Fonseca
Pesquisadora responsável
dgf.ez@terra.com.br

Roberta Berkmann
Pesquisadora associada
betaberk@hotmail.com

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ RG _____,
CPF _____ abaixo assinado, concordo participar da pesquisa intitulada “CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO”: CAMINHOS LABORAIS DOS EGRESSOS DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS, como colaborador. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Roberta Berkmann sobre a pesquisa, os procedimento nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável

Nome:

Assinatura:

ANEXO B – Carta de Apresentação

Prezado coordenador da Comissão de Graduação do Curso de Educação Física da UFRGS,

Eu, Roberta Berkmann, graduanda de Educação Física Bacharelado da ESEF/UFRGS, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca, venho por meio desta, solicitar permissão para realizar a coleta de informações para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O estudo intitulado “CANUDO EMBAIXO DO BRAÇO’: CAMINHOS LABORAIS DOS EGRESSOS DO CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS” tem como objetivo compreender os caminhos laborais seguidos pelos egressos do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS. Para tanto, solicito acesso aos endereços eletrônicos e contatos telefônicos dos egressos do curso de Educação Física disponíveis na Comissão de Graduação do referido curso. A coleta dos dados será realizada por mim e não acarretará em prejuízo ao bom funcionamento da ESEF/UFRGS.

Atenciosamente,

Roberta Berkmann

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS

O roteiro de perguntas pensado para a realização das entrevistas semiestruturadas é o seguinte:

- 1) Em que ano você iniciou o Bacharelado em Educação Física na ESEF/UFRGS?
- 2) E quando você concluiu o curso?
- 3) Por que a escolha do curso de Bacharelado em Educação Física?
- 4) Durante o período da graduação você pretendia trabalhar em alguma área específica?
- 5) Você está atuando na área pretendida?
- 6) Como ingressaste no mercado de trabalho?
- 7) Gostaria de continuar nesse campo de atuação?
- 8) Você tem intenção de complementar a sua formação?
- 9) Você se sente realizado profissionalmente?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Roberta: Então, vamos lá... Em que ano você iniciou o Bacharelado em Educação Física na ESEF/UFRGS?

Entrevistado 1: Em 2013.

R: Em que ano tu concluiu?

E1: Ai, desculpa. Ahm, eu entrei em 2012 e conclui em 2013, perdão.

R: Sem problema.

E1: Confundi.

R: Por que tu escolheu o curso Bacharelado em Educação Física?

E1: Assim, eu me vejo muito mais como um professor da escola, um licenciado. Foi muito mais pela segurança.

R: Uhum.

E1: Por saber que outros espaços, né, as outras áreas de atuação não são do licenciado.

R: Uhum.

E1: São do Bacharel.

R: Sim.

E1: Então, foi muito mais por ter uma segurança de que, se eu não passar num concurso, se uma escola não me chamar, eu terei o Bacharelado pra atuar em outras áreas, mas não que seja assim aonde eu queira atuar mesmo, mas foi, pela, por ter uma segurança.

R: Uhum.

E1: Poder ir para outros campos também.

R: Tá. E durante o período da graduação, tu já pretendia trabalhar em alguma área específica?

E1: Ahm, eu sempre quis trabalhar com voleibol, ser treinador. Isso era um sonho quando entrei na graduação, mas, ao longo, eu fui vendo que a escola era um lugar que me tocava bastante.

R: Uhum.

E1: Mas não descarto o vôlei, é um lugar que eu gosto bastante. Já trabalhei em clube com recreação e é uma coisa que me dá muito prazer também. A musculação que é uma área bastante ampla dentro do bacharelado, né, um campo maior. Ahm, não me atrai tanto, mas também é uma possibilidade, não, não nego ela, assim.

R: Uhum.

E1: Mas me vejo muito mais trabalhando assim, ou num clube com esporte, né ou com a recreação ou na escola que são as minhas áreas maiores assim.

R: Uhum. E como é que foi teu processo de ingressar no mercado de trabalho? Pós formatura, né?

E1: Primeiro, pós licenciatura, eu já retornei para o bacharelado. Então, eu continuei com uma bolsa aqui dentro, consegui breve uma bolsa. Então consegui me manter sem ter que ir atrás do mercado. Claro mandei mil currículos, enquanto licenciado pra várias escolas e era a época de começar a entender como é que é um processo de fazer um concurso. Porque, às vezes, a gente sai muito cru, assim, e não entende como é que é um concurso, como é que é isso, né. Foi meio complicado. Mas quando eu saí do bacharelado, foi um momento tenso, posso dizer assim, usar bem essas palavras, porque eu tava entrando num programa de mestrado aqui da ESEF. Terminei o bacharelado e entrei, graças a Deus, tudo certo. Só que não tinha de onde tirar dinheiro [risos]. Aquele negócio, né, não tinha passado em nenhum concurso ainda ou se tinha passado ficava mal classificado, né e tinha que trabalhar. Então teve uma amiga minha que avisou que tava tendo um processo seletivo na Cia. Atlética pra assistente de *child care* que seria uma pessoa pra cuidar as crianças, enquanto os pais estavam malhando.

R: Hum.

E1: E foi ali que [risos], eu fui atrás da vaga. O salário era uma mixaria, posso dizer assim, um salário mínimo mesmo, mais VT e alimentação, mas pras trinta horas que eu tinha que fazer semanalmente e mais dois sábados por mês, não compensava.

R: Uhum.

E1: Claro, foi um momento bom assim, tipo, de muito aprendizado lá dentro, conviver, entender como é que é uma lógica de uma academia muito grande. Poder conviver com outras pessoas, mas eu tava num espaço um pouco mais afastado da academia. Claro, cuidando, ensinando, educando, enquanto é o ambiente ali com elas, mas dizer que era uma coisa que eu gostava muito e a remuneração era boa

assim, posso ficar com um pé atrás um pouco, não era tão bom, podia ser melhor. Pelo menos, foi quando eu me inseri...

R: Uhum.

E1: Foi meu primeiro processo no mercado...

R: Sim.

E1: Minha carteira assinada mesmo, de fato, foi a primeira vez lá. Assim, eu fiquei muito feliz, claro, eu acho que é uma conquista...

R: Sim.

E1: Mas se a gente vai olhar, botar os prós e os contras, né, às vezes, tinham mais contras do que os prós [risos] e depois que eu terminei, eu fiquei lá durante cinco, seis meses...

R: Uhum.

E1: E durante esse período, eu tava começando a fazer mestrado aqui, teve o processo de seleção de bolsa. Como eu consegui uma bolsa...

R: Uhum.

E1: Eu optei por ficar só com o mestrado e não permanecer na academia...

R: Sim.

E1: Porque a bolsa era o dobro do meu salário.

R: Sim.

E1: Então, valeu muito mais à pena.

R: Uhum.

E1: Daí, até dois meses atrás, eu ainda tinha bolsa, então agora eu estou num momento que estou desempregado [risos]. Mais ou menos assim, pelo menos nesse processo.

R: Sim.

E1: Claro, no meio do caminho, eu faço meus bicos...

R: Uhum.

E1: A gente sempre tem alguma coisa pra trabalhar. A própria Cia. Atlética sempre me chama pra trabalhar nas corridas, então trabalho com alongamento nelas...

R: Uhum.

E1: São algumas formas que eu tenho de tirar algum outro dinheiro. Eu tenho um grupo de vôlei, que eu treino agora aos sábados. É um grupo misto, assim de homens, mulheres, gêneros dos mais variados...

R: Diversos.

E1: Mas assim, pessoas que querem aprender a jogar voleibol e eu treino eles sempre aos sábados. É um retorno bom, assim esse grupo não fui eu que criei, mas foi me dada a oportunidade de comandar ele, depois que uma treinadora saiu. Então já to treinando ele faz uns quatro meses, é um grupo muito divertido assim e é um mercado que eu vejo, assim...

R: Sim.

E1: É um nicho de mercado que eu vejo, tem muitos adultos querendo aprender praticar um esporte, sabe, fazer alguma coisa...

R: Uhum.

E1: E me dá muito prazer, assim. Foi um outro ladinho assim...

R: Sim. Ahm, e tu tá fazendo mestrado, né?!

E1: Tô terminando agora.

R: Terminando agora?

E1: Uhum.

R: E tu tem a intenção de seguir no doutorado ou fazer algum outro curso?

E1: Eu fiz o processo seletivo para o doutorado, porque no meio do caminho, eu posso fazer, como esse é o último semestre, eu posso fazer. Então eu fiz agora em maio o processo seletivo para o doutorado e passei. Então teoricamente eu estou dentro do doutorado, sem ter defendido o mestrado. Vou defender essa semana.

R: Uhum.

E1: Depois, a vida é só doutorado e outras coisas além, né...

R: Sim.

E1: Mas pretendo continuar na área, gostaria muito de ser um professor universitário ou ser um professor de escola. É as áreas que eu gosto muito.

R: Uhum.

E1: Mas eu busco sempre qualificação, assim. Hoje, eu também, além do mestrado, eu fiz uma especialização no meio do caminho em jornalismo esportivo que não foi muito boa, mas eu fiz, né...

R: Sim.

E1: Não foi lá essas coisas, podia ser um pouquinho melhor.

R: Aham.

E1: E atualmente, eu também sou ingresso, voltei de novo pra graduação, num outro curso...

R: Qual?

E1: Que é Ciências Sociais, estou fazendo, quer dizer teoricamente, porque esse semestre eu tranquei.

R: Por que Ciências Sociais?

E1: Ahm, eu, eu, gostei muito do currículo e eu acho que eu quero algumas discussões teóricas que aqui dentro eu não...

R: Mais aprofundadas talvez?

E1: É, pra aprofundar um pouco mais, que o nosso curso, a Educação Física, é muito amplo, a gente tem inúmeras disciplinas, inúmeras cadeiras, área humana, biológica que se complementam. Mas em alguns pontos, a gente não se aprofunda, porque não dá tempo mesmo, o curso não permite. Eu achei que talvez indo pras Ciências Sociais, tivesse uma oportunidade de me aprofundar em algumas coisas, ter outras leituras, até pra me qualificar mais depois no doutorado mesmo...

R: Uhum.

E1: Trazer coisas diferentes que acho que isso tudo vem a somar. Então por isso que eu escolhi as Ciências Sociais. Esse semestre eu tranquei, mas semestre que vem eu pretendo...

R: Dar continuidade...

E1: Voltar. Uhum.

R: Então tá, pra fechar, tu te sente então realizado assim, com tua escolha do curso, profissionalmente?

E1: Assim, quando eu ingressei na Educação Física não sabia se seria a Educação Física mesmo, porque eu sempre gostei muito de jogar, então aquela idéia de ser, quando eu vi que eu era muito baixo pra jogar vôlei. Depois eu descobri, não, vou ser técnico, porque eu adorava. Porque tinha uma professora, minha técnica, era meu exemplo...

R: Uhum.

E1: Eu vejo muito assim, às vezes, a gente se espelha em várias pessoas, em exemplos bons que nós tivemos pra procurar aquilo. Mas ao longo, eu fui mudando um pouco mais. Não me vejo longe do vôlei, porque é uma coisa que eu gosto. Mas me vejo muito mais voltado a ensinar, a educar, sabe...

R: Uhum.

E1: Tanto no ensino básico, quanto no ensino superior, me sinto realizado. Tanto na licenciatura quanto bacharelado, acho que foram complementares nisso. Assim, se eu disser - bah, tô super preparado pra trabalhar numa academia - não. Não vou

dizer que tô, até porque tô um pouco enferrujado. Falta coisa, a gente tem que dar uma estudada...

R: Falta bagagem...

E1: Mas eu me sinto muito realizado pelo curso que eu fiz assim, é uma paixão mesmo. Ai, muita gente diz e a gente sabe, muitas vezes a gente trabalha muito e ganha pouco, sim. Mas a minha mãe sempre dizia – não é do último degrau que a gente sobe uma escada, né. Então sempre profissionais bons vão ter e a gente às vezes vai galgando, às vezes até um pouquinho mais devagar, mas a gente pode chegar longe e ter um bom salário, ter uma condição boa. Então eu acredito nisso assim e acredito que hoje sou realizado pela minha escolha, espero ter um futuro ainda muito bom pela frente.

R: Então tá, muito obrigada pela disponibilidade e pela colaboração.

E1: Não capaz, Roberta. Foi um prazer meu assim, tu sabe que eu tenho um carinho muito grande por ti e foi muito bom a gente conversar um pouquinho.

R: Então tá, obrigada!

E1: Nada, capaz.

ENTREVISTA 2

Roberta: Então, vamos lá... Em que ano tu iniciou o Bacharelado em Educação Física e qual ano tu concluiu?

Entrevistada 2: Eu iniciei em 2009/2 e terminei em 2013/2.

R: Isso?

E2: Isso.

R: Então tá. Por que o curso de Bacharelado? Por que a escolha do curso?

E2: Porque desde os 10 anos, eu era atleta. Eu fui atleta de natação, então eu gostava de esporte individual e também me interessava bastante pela área da saúde, então acabei aliando as duas, os dois interesses.

R: Uhum. E durante o período da graduação então, tu pretendia trabalhar em alguma área específica?

E2: A parte das aquáticas, dos esportes aquáticos. Ahm, também a parte de esporte e lazer. Eram as áreas que me interessavam.

R: Uhum.

E2: Por mais que seja meio contraditório, mas na área das aquáticas isso acaba sendo quase a mesma coisa.

R: E agora, tu tá atuando na área pretendida?

E2: Atualmente, não. Eu parei de trabalhar em agosto de 2015.

R: Uhum. E como é que tu ingressou no mercado de trabalho?

E2: Eu fiz monitoria, não, eu fiz projeto de extensão, depois fiz estágio obrigatório também nessa área de...

R: Durante a graduação?

E2: Durante a graduação.

R: Uhum.

E2: E durante a graduação, também fiz alguns estágios fora da faculdade, saindo de uma escola de natação, ou dando aula de hidrogenástica de uma escola para outra. Quando eu me formei, eu era estagiária de uma escola e três dias depois da formatura, eu fui contratada por uma outra escola.

R: Uhum.

E2: Onde eu trabalhei até agosto de 2015. Contratada, com...

R: CLT...

E2: É, com conselho, tudo bem...

R: E natação... Era aula de natação e?

E2: Aula de natação e hidrogenástica. Natação para todas as idades, não era ligado à competição, ao esporte competitivo, era mais o lazer e saúde, né, no fim.

R: Sim.

E2: Isso.

R: E tu gostaria de continuar nesse campo de atuação? Seguiu nesse campo de atuação?

E2: Eu não segui, né, e não pretendo mais voltar, na verdade.

R: Por quê?

E2: Porque eu não me acho apta, talvez por ter feito o bacharelado, não me acho apta no convívio com o aluno e lidar com o aluno. Ahm, de certa forma, parece que me falta paciência para todas as necessidades que os alunos têm e procuram além da modalidade em si, que essa sim eu não me vejo tendo problemas em passar meu conhecimento...

R: Conhecimento, a parte teórica...

E2: É mais de convívio mesmo, enfim não me adaptei como professora assim, de estar na postura de professora, digamos assim.

R: Uhum. Então assim, a gente pode entender que a realização profissional, então não aconteceu?

E2: Não aconteceu... É um pouco confuso, porque na verdade acho que é bem mais pessoal assim.

R: Uhum.

E2: É uma coisa, ahm... Ou eu não tenho, é bem isso, como se eu não tivesse a paciência pra lidar com as outras pessoas, ligada à profissão. Ainda mantendo o profissionalismo, acho que é isso.

R: Uhum.

E2: Então, mas na verdade, como conhecimento, o que eu queria aprender, eu aprendi; o que eu quis fazer, eu fiz. Mas acho que agora pra continuar, é um pouquinho complicado.

R: Então tu não tem a intenção de complementar tua formação?

E2: Não tenho interesse.

R: Não vai seguir na área da Educação Física?

E2: Não, não vou seguir na área.

R: Uhum. Tu já tem alguma coisa em mente?

E2: Estudar pra concurso, como agente administrativo, né, talvez da parte do direito, dos tribunais, ou realmente na área da saúde, em algum hospital ou alguma coisa. Mas em nível médio.

R: Nível médio... Nada relacionado à Educação Física?

E2: Nada relacionado à Educação Física.

R: Educação Física não mais?

E2: Não mais.

R: Muito bem, então. Muito obrigada!

E2: De nada.

ENTREVISTA 3

Roberta: Então tá, muito obrigada pela colaboração. Vamos começar o questionário. Em que ano tu iniciou o Bacharelado em Educação Física na ESEF/UFRGS e em que ano tu concluiu?

Entrevistada 3: Eu iniciei em 2008 no primeiro semestre e terminei no último semestre de 2014.

R: Tá. E por que da escolha do curso Bacharelado em Educação Física?

E3: Bom, a minha intenção inicialmente era trabalhar na área da saúde. A minha escolha inicial foi Fisioterapia, só que na época que eu ia fazer o vestibular, não tinha Fisioterapia na UFRGS e era o único que eu teria condições de fazer era na UFRGS, né...

R: Uhum.

E3: Aí, após isso, acabei tentando Nutrição, não passei. Então eu pensei um curso que teria um pouco de relação com a Fisioterapia, que era o que eu queria, né.

R: Aham.

E3: Então acabei ingressando na Educação Física.

R: Tá e durante o período da graduação, tu cursando Bacharelado, tu pretendia trabalhar em alguma área específica, tu te aproximou de alguma área assim?

E3: É a minha idéia era manter nessa área da saúde, eu nunca me identifiquei tanto com a parte de esportes, treinamento, área escolar, por isso que até entrei no Bacharel, né.

R: Uhum.

E3: Mas, por fim, acabei estagiando no hospital, na área de esportes náuticos, bem variado assim.

R: No hospital, foi recreação?

E3: Recreação terapêutica, isso.

R: Uhum.

E3: Mas nunca me foquei numa área específica assim, sabe.

R: Uhum.

E3: Não sei se te respondi a pergunta.

R: Sim sim. E atualmente tu tá atuando na área pretendida?

E3: Não, agora não. Só tentando concurso. Não to trabalhando em nenhuma área.

R: Aham. E como é que tu... Tu chegaste a ingressar no mercado de trabalho pós formatura?

E3: Pós formatura, não.

R: Tu não trabalhou na área de Educação Física depois da formatura?

E3: Não, não trabalhei.

R: Uhum. Tem a intenção de complementar tua formação?

E3: Sim sim.

R: O que tu pretende fazer?

E3: Eu pretendo fazer alguma pós, mas não especificamente dentro da... É dentro da Educação Física, mas é na linha mais da Psicologia né, pra ajudar na questão de relação com as pessoas.

R: Aham.

E3: Mais na área da Psicologia.

R: Sim. E por que tu não chegaste a ingressar no mercado de trabalho?

E3: É eu tenho procurado assim, só que eu vejo, até na época quando eu era estagiária, aparecia bastante, bastante vagas assim de estágio, né.

R: Uhum.

E3: Atualmente, eu procuro vagas de Professor e aparece mais vagas de estágio. Mas assim não seria esse o motivo, porque quando a gente sempre acha alguma...

R: Sim.

E3: Alguma vaga. Eu acho que ainda tô tentando achar algo que eu realmente goste, né.

R: Uhum.

E3: Né, então eu tô mais estudando, lendo assim, tentando ver qual área eu vou me encaixar.

R: Sim.

E3: Eu tô mais reclusa nesse momento até achar uma área que eu goste.

R: Que tu te identifique...

E3: Mas se esse processo demorar, vou acabar procurando em academias, assim que eu acho que mais me, na área de treinamento funcional que eu gosto bastante, né.

R: Sim e por enquanto então tu tá só estudando pra concurso?

E3: Uhum.

R: Não tá trabalhando nesse momento?

E3: Não não.

R: Tá e tu te sente assim realizada na escolha do curso, já que profissionalmente tu não entraste no mercado de trabalho. Assim tu te sente realizada: assim, bah foi

legal a escolha do curso de Bacharelado ou de fato tu queria mesmo Fisio e não te encontrou na ESEF?

E3: No meio do curso eu cheguei a pensar em sair e tentar Fisioterapia de novo. E por algumas disciplinas que eu fiz e um outro estágio, assim eu vi que realmente tinha sido uma escolha, a escolha certa, né, e por isso que eu cheguei até o fim e acabei não saindo e continuei. E sim, é uma área que, apesar de não tá trabalhando, eu me sinto realizada. O trabalho do Educador Físico assim, é muito bonito, eu admiro bastante, eu quero [risos], eu quero trabalhar nessa área.

R: Só tá esperando então o lugar certo pra se colocar?

E3: É não dá pra esperar muito, né.

R: [Risos]

E3: A gente vai tentando, porque, na real, a gente descobre trabalhando mesmo, né.

R: Também...

E3: Às vezes, tem áreas que a gente nem tem noção que vai gostar...

R: Uhum.

E3: Tanto que até meus estágios, eu não imaginava trabalhar com certas coisas e acabei gostando assim, então...

R: Sim.

E3: É mais um processo interno assim que eu tô na fase de, né...

R: Sim... De se auto-afirmar e se sentir capaz...

E3: Uhum, isso.

R: Então tá, pretende fazer Fisio ou já...

E3: Não...

R: Ficou lá atrás?

E3: Não não...

R: Ficou lá atrás?

E3: Ficou, é que eu fiz... Porque eu gostava da parte das massagens, né, e eu tenho formação em massoterapia...

R: Aham e não atua?

E3: Tô atuando, assim eu tenho uma sala em casa, né. Eu só não atendo assim muito pra fora, é mais conhecidos, família. Assim não é uma coisa ainda que eu abri, né.

R: Sim sim. Só para os mais próximos...

E3: Futuramente, a ideia é conciliar essas duas áreas assim, ainda mais a área da Psicologia.

R: Muito bem.

E3: É um sonho grande assim, vamos ver se sai alguma coisa aí.

R: Tomara que sim.

E3: [Risos]

R: Então tá, muito obrigada pela entrevista.

ENTREVISTA 4

Roberta: Bem, muito obrigada pela colaboração. A gente vai dar início ao questionário. Em que ano tu iniciou e concluiu o Bacharelado na ESEF/UFRGS?

Entrevistada 4: Eu comecei em 2006/2 e concluí em 2014/2.

R: Muito bem. Por quê da escolha do curso Bacharelado em Educação Física?

E4: Na época, eu dava aula de yoga, né. Tinha minha escola de yoga e senti necessidade de ter um conhecimento melhor sobre como o movimento funciona e aí o Bacharelado veio a ser o mais direcionado, já que a Licenciatura, não é o mais, não é algo que eu escolheria trabalhar com criança. Então, por isso que eu fui para o Bacharelado.

R: Uhum. E durante o período da graduação, tu pretendia trabalhar em alguma área específica, seria então no caso a yoga?!

E4: Continuar com yoga, com certeza e trabalhar com atividades ao ar livre, né. Ahm, atividades físicas de aventura na natureza, que então até meu tcc foi sobre isso, mas levar os dois juntos, né, yoga e essa prática, organizando eventos e atividades...

R: Durante a graduação, tu já fazia?

E4: Já fazia isso também.

R: Também?

E4: Também. Comecei depois, eu já tava na graduação, foi mais ou menos em 2009, 2010, mais ou menos que eu comecei a fazer isso.

R: Uhum. E essas foram as tuas duas áreas durante a graduação?

E4: Isso. Yoga e essas atividades ao ar livre.

R: Tá. E, hoje em dia, tu tá atuando nessas áreas que tu pretendia?

E4: Nenhuma das duas [risos].

R: Nenhuma das duas...

E4: Por escolha própria [risos]

R: Por escolha própria?!

E4: Não por falta de oportunidades, foi por escolha mesmo.

R: Tá e como tu ingressou no mercado de trabalho pós-formatura?

E4: É que assim, eu não posso dizer pós-formatura...

R: Uhum.

E4: Porque eu continuei fazendo o que eu já estava fazendo antes de me formar...

R: Sim. Que seria?

E4: Que... Eu, em 2013, eu passei num concurso, na área técnica administrativa aqui da Universidade mesmo e comecei a trabalhar com isso. Dessa forma, eu deixei de trabalhar com yoga, não teria como. Continuei com as atividades de aventura, mas agora, esse ano, eu também larguei as atividades de aventura, em função da dedicação não tá dando, né...

R: Uhum.

E4: Ou eu tenho que me dedicar para uma coisa ou outra e a coisa fica meio complexa.

R: Uhum. Então agora só...

E4: Só UFRGS.

R: Só UFRGS...

E4: Só UFRGS [risos]. Só a parte administrativa, em especial pra pós-graduação que é onde eu trabalho hoje.

R: Uhum e tu tem a intenção de complementar a tua formação?

E4: Sim, mas não na área da Educação Física.

R: Não na área... Qual seria?

E4: Ahm, eu vou, tô tentando agora um mestrado em Engenharia da Produção.

R: Uuuuum.

E4: [risos]

R: Nossa...

E4: [risos] Na realidade, eu vou, eu tô fazendo um projeto na área de avaliação institucional da pós-graduação. Então, isso encaixa com as propostas do curso de Engenharia da Produção. Eu queria muito fazer um mestrado na Educação Física, porém, sendo extremamente sincera, ele não ia me trazer nenhum benefício financeiro depois...

R: Hum...

E4: Eu não ia ganhar um centavo mais, fazendo na Produção, como é da área, eu tenho um incremento nos meus vencimentos dentro da Universidade.

R: Sim.

E4: Então, esse é o objetivo mesmo.

R: E tu pretende atuar na área da Educação Física ou tu não vislumbra assim, isso no teu futuro?

E4: Vontade não falta. Eu sinto muita falta dos meus alunos, das minhas aulas, daqueles momentos que eram muito legais. Porque eu acho assim, a Educação Física muito legal...

R: Uhum...

E4: Mas infelizmente, financeiramente, eu não tive o retorno que eu esperava [risos].

R: Sim...

E4: Enquanto tava na graduação e aí surgiu essa oportunidade que financeiramente...

R: O concurso...

E4: Que foi mais vantajosa, por isso que então... O que eu vejo assim, eu, foi uma escolha minha, uma escolha pessoal, cada um tem que buscar aquilo que achar melhor, mas eu precisava, pra mim, uma estabilidade...

R: Uhum.

E4: Que a Educação Física dificilmente vai conseguir me trazer, ainda mais tendo o Bacharelado que tu vai ser dono de alguma coisa, então ser um... Como é que chama?! Até esqueci a palavra agora, mas uma pessoa que vai pro mercado, vai trabalhar, vai oferecer seus serviços no mercado de trabalho ou realmente tu trabalhar numa academia para uma terceira pessoa. Esqueci a palavra que eu queria dizer para o dono da academia, tá, mas daqui a pouco lembro.

R: Não seria empresário?!

E4: Não... Empreendedor! Ser um empreendedor ou ser um funcionário de uma academia. No caso até pro empreendedorismo, tu pode colocar o personal trainer também entraria, né. Que eu até, teve uma época ali, que eu trabalhei bem forte como personal yoga, mas também é algo assim que depende do mercado, depende de como o dinheiro tá circulando. Porque a primeira coisa que as pessoas vão cortar, infelizmente, vão ser os extras e a atividade física é um extra.

R: Uhum.

E4: Eles não vão deixar de pagar a escola particular do filho, não vão deixar de fazer outras coisas que também poderiam, apesar da atividade física ser saúde, é a primeira coisa que eles vão cortar vai ser a atividade física.

R: Uhum.

E4: Na minha visão [risos]. Na minha experiência pessoal, deixando bem claro isso.

R: Sim. E tu te sente realizada assim com a tua escolha do curso?

E4: Da Educação Física?

R: Isso.

E4: Sim, eu curti um monte, uma das coisas assim, uma das melhores escolhas que eu fiz na vida, só que infelizmente não deu pra seguir, né [risos].

R: Sim.

E4: Como eu disse, eu sinto muita falta de dar aula, já até pensei em ver, em função do meu horário, poder acumular uma atividade de docência com atividade... Ahm, serviço público não permite algumas coisas, né, mas a docência ela permite. Então até pensei em trabalhar numa academia ou alguma coisa, dando aula de yoga, numa escola de yoga, mas ainda não rolou, ainda não foi. Então eu sinto bastante falta e isso me deixa meio frustrada [risos].

R: É. Eu ia te perguntar quanto a tua realização profissional assim...

E4: Dentro da Educação Física realmente é muito bom, eu acho assim a experiência que eu tive como professora de yoga e até mesmo na organização, como organizadora de evento foi algo que me trouxe muitas amizades, me trouxe muitas coisas boas, me trouxe... Assim só coisas boas mesmo, não tem outra coisa pra dizer, mas infelizmente não trouxe aquela outra coisa a parte prática da vida que infelizmente tu não tem como viver sem...

R: Uhum.

E4: Que é a bendita grana [risos]

R: [Risos] Tu teria mais alguma coisa assim pra falar, que eu não tenha te perguntado?

E4: Não, acho que na direção das questões que tu colocou, acho que eu falei, não sei se não falei até demais.

R: [Risos] Imagina...

E4: Eu acho assim, Roberta, que é da escolha de cada um, né. Realmente o curso me trouxe muitas coisas boas, só coisas positivas. Ahm e assim esse tipo de coisa realmente não se encontra em outros cursos, né. Curso de Educação Física tem um

clima positivo, um clima muito bom, um negócio que te faz gostar e como eu já trabalhava antes de começar, aquilo ali só trouxe complementação. Lamento realmente muito não ter seguido, mas não tô arrependida de ter largado, eu sinto falta, mas eu não tô arrependida de ter largado e acho que é isso. Levar a vida e ir tentando, acho que quem tá dentro, quem tem alguma perspectiva legal deve investir, ainda mais em função da idade mesmo, quanto mais jovem, mais fácil isso.

R: Sim.

E4: Hoje, eu tenho 44, terminei a faculdade com 43. Então não é uma coisa assim, quando tu vai chegando em algumas idades, tu começa a pensar várias coisas infelizmente. A gente tem que pensar – pô, será que eu vou conseguir continuar dando aula nesse ritmo e eu preciso disso pra sobreviver?- então foram esses aspectos que me trouxeram para a atividade administrativa, porque eu não sei até quando meu corpo ia aguentar toda a intensidade da atividade mesmo, das aulas, dar tantas aulas no dia, isso desgasta.

R: Até por conta da, da rentabilidade né...

E4: Assim se a gente colocar friamente, mas friamente mesmo, o salário que eu ganho aqui, é um salário bom, tá, mas ele não é um salário alto. Lá fora, dando aula de yoga, tanto na escola, como personal, e com as atividades de aventura na natureza, eu ganhava muito mais que aqui. Só que lá é tudo incerto...

R: Uhum.

E4: Aqui não, o meu tá garantido. Faça chuva, faça sol, até o momento, graças a Deus, o Governo Federal não parcelou os salários [risos] como o Estado. Então faça chuva, faça sol; a coisa funcionou, a coisa não funcionou; tu tem décimo terceiro, tu tem férias...

R: Sim...

E4: E na minha realidade que eu vivia, enquanto tava na Educação Física, não tinha nada disso. Férias, tu parou dez dias, tu deixou de ganhar esses dez dias, tu não recebe um terço a mais por estar de férias. Tu não tem décimo terceiro no final do ano, bem pelo contrário, chega dezembro metade dos teus alunos vão embora e metade da tua renda vai junto com eles. Então foi isso, bem friamente, lá fora eu ganharia mais do que aqui dentro, mas aqui dentro eu tenho uma segurança que fora daqui não me trouxe.

R: Uhum.

E4: É isso.

R: Então tá, muito obrigada pela colaboração.

E4: Espero que teu trabalho seja muito legal...

R: Que assim seja...

E4: [Risos]

R: Muito obrigada.

ENTREVISTA 5

Roberta: Então tá. Muito obrigada pela colaboração. A gente vai dar início ao questionário. Em que ano tu iniciou o Bacharelado na ESEF/UFRGS e em que ano tu concluiu?

Entrevistado 5: Eu iniciei em 2005, é, segundo semestre e terminei em 2014, primeiro semestre de 2014.

R: Tá e por que tu escolheu o curso de Bacharelado em Educação Física?

E5: Porque sempre me senti atraído por, ahm, esporte, atividade física e sempre gostei de estudar, então uniu o útil ao agradável. Achei que era uma coisa que eu queria fazer desde sempre, então decidi fazer [risos].

R: E durante o período da graduação tu já pretendia trabalhar em alguma área específica, algum campo específico?

E5: Não, nunca tinha pensado em trabalhar em nada específico na Educação Física.

R: Uhum. Tu já tem uma graduação, né?

E5: Já, já tenho. Sou formado em Odontologia, em 2006, eu me formei.

R: Tá e pós-formatura tu chegaste a ingressar no mercado de trabalho com o Bacharelado, na área do Bacharelado?

E5: Não, nunca trabalhei na área da Educação Física em nenhum tipo de trabalho.

R: Uhum. Por quê?

E5: Porque eu já tinha uma outra formação que eu já vinha vivendo ela profissionalmente há muito tempo. Acho que não conseguiria conciliar a Odonto com a Educação Física. Não sei se financeiramente valeria a pena, talvez valesse a pena mais assim no sentido do pessoal, talvez como realização. Talvez até não descartaria, mas no momento atual ainda vale mais ficar na Odonto que na Educação Física pelo que eu vejo meus amigos conversando...

R: Uhum.

E5: Nunca fui buscar nada também, pode até que ser se eu for buscar...

R: Seria diferente...

E5: Valesse a pena.

R: Aham.

E5: Então fica até essa dúvida assim. Não é algo que eu descarto, um dia tentar conciliar algo na área da Educação Física especificamente.

R: E tem algum campo assim que tu gostaria de atuar?

E5: Ah sempre gostei do treinamento de força, treinamento aeróbico, são as áreas que eu gosto mais. Nenhum esporte em específico, né, mais a área do treinamento físico.

R: Sim e tu pretende complementar tua formação?

E5: É uma coisa que eu gostaria de fazer, um dia que eu achar que tô com tempo pra fazer uma pós-graduação bem feita. Não gostaria de fazer por fazer, porque não foi assim que eu fiz a Educação Física. Eu fiz porque gostava. Então se eu fosse fazer uma pós-graduação, eu ia tentar fazer, é, por gostar e tentar fazer bem feitinha. Então isso também teria que ter tempo, uma organização que hoje ainda não consigo ter.

R: Uhum. E tu te sente realizado com a escolha do teu curso?

E5: Com a Educação Física, eu me sinto realizado pessoalmente, porque foi uma meta que eu estabeleci e eu cumpri, né. Mas, profissionalmente, como eu nunca atuei, eu não sei como seria. E na Odonto, sim, me sinto realizado com a profissão.

R: Uhum. Tu teria alguma coisa pra acrescentar... Da importância do curso...

E5: Não, tem uma coisa, eu não sei se vai te ajudar, mas [risos]...

R: [risos]

E5: Que eu sempre pensei na Educação Física que talvez tivesse que ter um olhar mais voltado assim para a formação talvez, quem, quem libera a formação de profissionais, a quantidade de profissionais que tem na área, isso acaba fazendo com que o mercado da Educação Física seja muito saturado.

R: Uhum

E5: Então acaba sendo que muitas vezes as pessoas têm que trabalhar muito...

R: Sim

E5: Pra ter uma remuneração baixa, pra ter um lugar onde trabalhar. Quando na verdade, eu acho que é uma profissão super importante que as pessoas, é, dependem dela e poderiam melhorar muito a sua condição de vida, assim entre aspas usando os profissionais da Educação Física e é uma crítica que eu faço, que

às vezes eu penso comigo mesmo, que eu acho que poderia ser melhor pensado assim, o número de cursos de Educação Física pelo Rio Grande do Sul, o número de alunos que se formam. Acho que isso tinha que ser revisto de certa forma e também pensando na sociedade em geral, as pessoas acho que tinham que ter uma forma de se conscientizar de valorizar o profissional de Educação Física. As pessoas teriam que, não sei como, mas poderiam ver melhor o profissional e valorizar mais o trabalho realizado

R: Uhum

E5: Valorizar financeiramente, pessoalmente, não sei, ahm, o profissional para que ele também se sinta à vontade de levar adiante o trabalho dele.

R: Sim, tu acha que essa falta de valorização reflete assim nos valores/hora pagos?!

E5: Acho que reflete, acho que reflete. Um exemplo, assim, que me vem à cabeça agora uma hora/aula numa academia de musculação, por exemplo, eu sei de pessoas que ganham, sei lá, R\$ 15,00 a hora/aula.

R: [espanto-me por achar o valor alto]

E5: É... Mas não parece ser um bom valor, eu acho poderia ser mais. Tudo que o profissional estudou pra chegar lá, pra tomar conta de vários alunos ao mesmo tempo, todo o conhecimento que é necessário, todo o bem que ele tá levando pras pessoas, isso não tem preço. Teria que ser algo muito mais valorizado, a remuneração teria que ser muito maior, né.

R: Uhum

E5: E infelizmente acaba caindo na mão de administradores, querem ganhar dinheiro e não conseguem repassar um custo alto para os alunos que vêm participar de uma academia.

R: Uhum

E5: Então acho que é por aí, acho que podia ser melhor valorizado por todo mundo, desde quem pensa nos cursos até a sociedade em geral que talvez, não sei de que forma, poderia se conscientizar melhor dos benefícios e não se importar talvez de pagar um pouco mais pra algo de qualidade que só vai trazer bem pra ela mesma.

R: Uhum. Era isso. Então tá, muito obrigada!

E5: Foi um prazer [risos].